

CERISE DE MATTOS GOMES

**O BERÇO DO ESTRUTURALISMO E A REVOLUÇÃO DA
ENUNCIÇÃO: BENVENISTE E O SIGNO NESSA MUDANÇA**

Porto Alegre
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO
LINHA DE PESQUISA: ANÁLISES TEXTUAIS E DISCURSIVAS

**O BERÇO DO ESTRUTURALISMO E A REVOLUÇÃO DA
ENUNCIÇÃO: BENVENISTE E O SIGNO NESTA MUDANÇA**

CERISE DE MATTOS GOMES
ORIENTADOR: PROF. VALDIR DO NASCIMENTO FLORES

Dissertação de mestrado em Teorias do
Texto e do Discurso, apresentada como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre pelo programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade do Rio Grande do Sul

Porto Alegre
2010

Para Eloáh, Edilio, Mariana e
Matheus.

AGRADECIMENTOS

Ao Valdir do Nascimento Flores exemplo de mestre, que incentiva, que apóia, que provoca, que se empolga, que estuda, que vibra verdadeiramente a cada descoberta de seus alunos, que faz acreditarmos na profissão de fé que é o exercício do magistério e que me apoiou incondicionalmente neste trabalho.

Ao professor Itamar Soares Veiga à professora Carmen Luci da Costa Silva e à professora Luiza Milano Surreaux por terem aceitado o árduo trabalho de lerem e avaliarem a minha dissertação.

A Mariana e ao Matheus aos quais dedico todo meu trabalho e pelos quais busco sempre obter sucesso, equilíbrio, harmonia, nos meus atos, a fim de ser um exemplo. Muito mais do que as palavras são os exemplos que ensinam, sendo este meu objetivo, pelo exemplo incentivá-los sempre para o amor ao conhecimento e à sabedoria.

Aos tantos colegas das Universidades – UFRGS e UCS, em especial a Elisa e ao Júlio este que, com poucas mas significativas intervenções no meu texto, me auxiliou sobremaneira, ainda que talvez disto nem tenha conhecimento, agradeço também ao Daniel pelas traduções de última hora.

Aos professores que além de me instigarem cada vez mais ao conhecimento foram compreensivos com todas as dificuldades de uma estudante que divide o tempo entre família, trabalho, estudos, distância, etc.

Aos amigos, parentes, colegas, os quais com palavras de estímulo não me deixaram desistir, e, ainda que em silêncio, acreditaram em mim. A quem me ofereceu amor, carinho, companheirismo e dedicação.

A Cerise de Mattos Gomes por tudo.

RESUMO

A proposta desta pesquisa primeiramente é de elucidar tanto quanto possível os meandros epistemológicos de um paradigma de época, qual seja, o estruturalismo. Situar o expressivo saussurianismo, com a instauração da língua enquanto objeto científico e a concepção de signo nesse movimento. Na sequência pretendo descortinar as demandas que possibilitaram, ou melhor, exigiram a ruptura com o período estruturalista, culminando em outra perspectiva sobre a língua agora, sob um novo paradigma. Este outro projeto ao se instaurar pretende abarcar e compreender a língua de forma diferenciada, o panorama agora denomina-se enunciativo, deixando de lado a supremacia do sistema. Para tanto se exige uma releitura de artigos de Benveniste em seus Problemas de Linguística geral I e II, com vista, também a uma análise do signo neste novo contexto lingüístico. Os fundamentos, exteriores à lingüística, para este trabalho encontrei em textos que realizaram uma crítica e pontuaram obrigatoriedade de ruptura e ultrapassagem das amarras do positivismo, do estruturalismo, etc. Confluem com esta necessidade o pensamento de alguns autores: Dany-Robert Dufour e sua complexa teoria da trindade, Umberto Eco, Aya Ono, entre tantos outros aos quais me filio nesta pesquisa, entre estes estou em total consonância com Feyerabend, ou seja, me revolto contra às perniciosas regras metodológicas pretensamente fixas e universais da ciência.

Palavras chave: Estruturalismo, Saussure, Teoria da Enunciação, Benveniste, Signo.

RÉSUMÉ

Le premier objectif de cette recherche est d'élucider autant que possible les subtilités d'un paradigme épistémologique de l'époque, à savoir le structuralisme. Localisez le saussurienne expressive, avec l'introduction de la langue comme un objet scientifique, et le concept de signe dans ce mouvement. Dans la suite j'ai l'intention de découvrir les exigences qui a permis, exigeait une rupture avec la période structuraliste, culminant dans une autre perspective sur la langue maintenant sous un nouveau paradigme. Ce nouveau projet vise à embrasser et à comprendre le langage de différentes façons, le paysage appelle maintenant l'énonciation, en mettant de côté la suprématie du système. Pour cela nous avons besoin d'une réinterprétation de leurs articles dans Benveniste problèmes I et II linguistique, en vue, également une analyse de la langue des signes dans ce nouveau contexte. Les fondements de ce travail dans les textes qui ont fait des critiques et a marqué une pause obligatoire et surmonter les contraintes du positivisme, structuralisme, etc. J'ai trouvé un peu d'encouragement à mon point de vue novateur auteurs, Dany-Robert Dufour et sa théorie complexe de la trinité, Umberto Eco, Aya Ono, parmi beaucoup d'autres. En ligne avec Feyerabend suis révolté contre les règles méthodologiques pernicieuse aurait fixe et universelle de la science.

Mots-clés: le structuralisme, Saussure, la théorie de l'énonciation, Benveniste,

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
1 ESTRUTURALISMO FUNDAMENTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS	
1.1 O COMPORTAMENTO FILOSÓFICO - CIENTÍFICO DE UMA ÉPOCA	22
1.2 ESTRUTURALISMO NA CIENCIA LINGUISTICA	37
1.3 O PRIMADO DA ESTRUTURA	49
1.4 O SIGNO ESTRUTURALISTA	54
2 OS FUNDAMENTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS QUE POSSIBILITARAM O SURGIMENTO DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO	
2.1 BINARIDADES E TRINDADES NA CIÊNCIA LINGUISTICA	70
2.2 PRÁTICA CIENTÍFICA E AS DIFICULDADES DE MUDANÇA	79
2.3 NOVAS DEMANDAS DA CIÊNCIA LINGUISTICA	88
3 BENVENISTE: PEDRA ANGULAR DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO	
3.1. BENVENISTE: INSTAURAÇÃO DE UM NOVO PARADIGMA	95
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
5 ANEXOS	113
6 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A relevância da presente pesquisa está fundamentada no fato de que necessitamos compreender os movimentos da ciência, a epistemologia e suas controvérsias, pois estes elementos fundamentam nossas escolhas, fortalecendo nossas convicções científicas. No campo destinado às ciências lingüísticas, as contendas se referem à língua, sistema mais importante da linguagem, e serão sempre atuais e necessárias. Da mesma forma a resolução de questionamentos abrangentes da linguagem no todo, fazem voz nos estudos em relação à língua, então, importam à ciência lingüística, são questões incessantemente úteis e interessam tanto aos lingüistas quanto aos filósofos da linguagem. Lembremos a colocação de Wittgenstein tão perturbadora: “Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo.”

Ademais revisitar paradigmas com um distanciamento temporal possibilita compreendê-los melhor, tornando possível a ratificação das escolhas, leves deslizamentos ou ainda bruscas rupturas nas teorias e no comportamento científico. A simples repetição sem reflexão não é saudável, impede a renovação. Por óbvio que há uma tradição, há uma herança, há um conhecimento adquirido pela humanidade que não pode ser descartado, pois serve de base para novas construções teóricas e

sempre retornamos às teorias seja para refutá-las, seja para defendê-las.

No que tange aos estudos sobre a língua e seu sistema, as reflexões são muito mais necessárias do que simplesmente saudáveis para a humanidade, pois ainda que jamais encontremos o fim do túnel no que diz respeito a essa insólita capacidade, muito mais poderemos fazer pelo usuário quanto mais compreendermos o processo de aquisição, de utilização, de existência e de funcionamento da língua. Em consonância com a necessidade de releituras encontro o pensamento de Umberto Eco () que diz:

Fazer progredir o pensamento não significa necessariamente refutar o passado: significa por vezes revisitá-lo, não só para compreender o que foi efetivamente dito mas o que se poderia ter dito, ou pelo menos o que hoje pode dizer-se (talvez apenas hoje) relendo o que então se disse.

A escolha de textos a serem investigados nesta pesquisa primeiramente diz respeito aos textos que abarcam reflexões sobre, a epistemologia, o movimento do processo científico de conhecimento, textos que abarcam o contexto histórico-filosófico que possibilitou o estruturalismo e posteriormente as demandas surgidas no intervalo entre o estruturalismo e a teoria da enunciação.

Em relação a teoria da enunciação a releitura está restrita aos textos do teórico Benveniste consolidados nas obras Problemas de Lingüística Geral I e II, artigos largamente estudados, lidos e relidos, durante o período desta pesquisa, teórico com o qual estabeleci uma considerável identificação de concepções e uma admiração pela proposta filosófica de seu trabalho.

Entre os teóricos selecionados para embasar este estudo, encontrei respaldo nas reflexões sobre o texto benvenistiano no

pensamento de Aya Ono, quando esta propõe que nos interroguemos se o referido teórico já foi lido e relido suficientemente, pois, conforme diz Barthes, em Benveniste tudo está apenas começando, sempre há um implícito a ser revelado. Também acato e estendo a problematização benvenistiana percebida por Chiss e Puech *apud* Ono ao meu objeto de análise – signo, questionando se o signo benvenistiano já foi lido e relido nada mais sobrando a dizer.

Assim sendo, neste projeto, após percorrer a trajetória estruturalista, seus fundamentos, o comportamento científico da época estrutural, pretendo esboçar uma análise com vista a compreender com mais exatidão a posição da teoria da enunciação no cenário científico da lingüística, mas ao realizar esse processo tão valioso destituir-me do “preconceito cego” a que se refere Derrida, possibilitando entrever também novas perspectivas sobre o fazer ciência benvenistiano e o signo lingüístico, objetos específicos desta pesquisa.

O foco deste trabalho não é tão somente a procura de conceitos, significados, em relação à epistemologia, à teoria ou ao termo signo, a intenção é, compreender o processo de chegada ao estruturalismo a ruptura e/ou deslizamento e o encaminhamento para a perspectiva enunciativa na ciência linguística.

Em relação aos textos de Benveniste, deixa-los falar, já optando pelos pressupostos da enunciação e quiçá de maneira desconstrutivista chegar com esta proposta de releitura ao aspecto metafísico ali presente, a um mundo além da forma, esta também necessária por situar-se no limítrofe entre o permanente e o efêmero, entre o intrínseco e o extrínseco, lugar importante para quem pretende compreender os meandros da língua.

Ainda impulsionada pela curiosidade pretendo compreender a ciência benvenistiana com o intuito de comprovar que Benveniste efetivamente se inscreve em uma fase inovadora no campo da linguística e que corresponde às demandas existentes no contexto histórico-filosófico que marca a decadência do período estrutural.

Essa perspectiva lingüística nova da qual Benveniste faz parte encontra-se consolidada nos estudos enunciativos e filosóficos de diversos teóricos que causaram uma ruptura no entendimento predominante sobre um fazer científico que conjecturava a hegemonia do sistema e suas relações negativas, suas dicotomias etc. Esta ruptura ocorreu no campo das ciências ditas “humanas” ou sociais em geral e também nos estudos da língua.

Esclareço também que não é despropositado o uso do termo releitura, em razão de que a primeira leitura é aquela canonizada, acadêmica, pronta, constante nos manuais e que circula com superioridade nos corredores da vida acadêmica lingüística, fruto de toda essa corrente positivo-estruturalista, é dessa da leitura institucionalizada que busco fugir nesse breve estudo.

Consolidando-se assim a minha primeira hipótese de que Benveniste realiza com sua obra, ainda que completamente inserido em um período estrutural, um movimento de ruptura e inovação em relação ao paradigma anterior e funda outro paradigma linguístico, denominado paradigma da enunciação.

Então, se assim ocorre, torna-se possível realizarmos uma releitura de Benveniste inovadora que não atenda tão somente à tradição lingüística dominante e ao contexto científico da época, com a superioridade da estrutura. É possível uma releitura que corresponda em sua base a um fazer ciência de forma diferenciada, para o fim de disponibilizarmos novas perspectivas concebíveis a todos àqueles que desenvolvem um interesse, por questões referentes à língua, pelos textos do referido teórico, por um fazer linguista de viés enunciativo. Não podemos, nem devemos mais nos atrelarmos tão somente à perspectiva estruturalista se aceitarmos que em benveniste há uma outra possibilidade.

Por fim certa que há uma ciência lingüística dita enunciativa da qual Benveniste é o precursor, pretendendo também nesta pesquisa oferecer, discutindo e refletindo, quais são os pressupostos

epistemológicos – filosóficos que possibilitaram, que embasaram esse processo diverso de fazer ciência linguística, esse processo enunciativo.

As respostas a tais indagações foram encontradas em teóricos exteriores ao campo da lingüística, pois a base filosófica na qual se inscreve o pensamento benvenistiano é de uma ordem que se desvia da ordem vigente à época, ou seja, da ordem do sistema, positivo-estruturalista. Entre alguns textos lidos para fundamentar essa forma de pensamento distinta da tradicional, encontrei em Robert Dufour alento para as minhas angústias teóricas, uma vez que este teórico se inscreve em uma visão inovadora com uma proposta que se apresenta ampla, complexa, sempre na busca de não restringir o pensamento, na busca incessante de um “abrir de olhos doloroso, mas salvador do sujeito”. É o fim com gosto de recomeço, livre de amarras. Ainda que ingenuamente poética esta postura, entendo-a necessária e me proponho a realizar esse insano trabalho.

A investigação aqui proposta está na análise mais ampla que esta pesquisa possibilitou do contexto histórico-filosófico que fundamentaram o surgimento do estruturalismo, da teoria enunciativa e do comportamento científico no que se refere a sujeição ou não aos paradigmas. Tendo esta pesquisadora a pretensão de afirmar que a ciência benvenistiana é a ponte existente entre o estruturalismo e a enunciação, está definitivamente situada neste intermeio, é a expressão da época sedenta por ir além do sistema, ir além da estrutura, ainda que necessariamente e temporariamente atrelada a este pensamento.

A fim de analisar os resultados desta nova perspectiva surgiram outras hipóteses, estas relacionadas ao termo signo. Procedi a uma identificação do que Saussure compreende por signo, visto ser uma exigência quando nos referimos ao estruturalismo. Tal exigência também se apresenta em relação ao teórico Benveniste, então busco, estabelecendo as diferenças, compreender a construção de signo neste autor.

Em relação ao signo em Saussure justifico em acordo com o que

preconiza Dosse, que signo é a pedra angular do estruturalismo, no entanto, este permanece necessário e presente em todos os estudos que pretendam dar conta de reflexões sobre a língua, o homem e esta relação.

Sobre o signo, então existe um signo estruturalista e um signo enunciativo? No que diferem? Pressupondo esta pesquisadora a existência desta diferenciação, pretendo esboçar uma análise, ainda que superficial, desta trajetória.

Esta é a hipótese presente nas reflexões sobre o signo, não tendo a pretensão de estabelecer crítica ao signo saussuriano, pois em razão de ser Saussure o pioneiro da reflexão sobre o signo no âmbito das ciências linguísticas parece que todo pensamento posterior apenas tem a pretensão de crítica, no entanto, se atentarmos para o fato que Benveniste aparentemente coaduna com a definição proposta por Saussure, alguns diriam aliás, que não há nada muito novo, percebemos que não é assim, nem sempre há somente crítica, inclusive, a importância do signo saussuriano não é contestada, as reflexões posteriores agregam considerações, ou ainda que tomem, um viés oposto, preservam as considerações de Saussure ou de seus discípulos.

Entretanto, considerando que o ângulo eleito para análise não pretende partir de velhas hipóteses, pois é aí que pretende diferenciar-se, não há tanta preocupação em discutir o que foi o signo para Saussure e discutir Saussure, mas apenas registrar a estrutura do signo saussuriano.

Justificando a escolha desta pesquisadora pela noção de signo em razão de que o signo linguístico é tema que permanece fértil desde a inauguração do pensamento filosófico. A própria história da ciência do signo, a semiótica, se confunde com a trajetória filosófica de seu objeto o signo nas tantas teorias já desenvolvidas. Os Estóicos, Aristóteles, Peirce, Saussure, Wittgenstein, Benveniste, tantos são os filósofos e linguistas que sobre o termo signo se debruçaram, alguns buscaram outros não uma definição própria de signo. Ademais, para o estruturalismo, o signo é componente essencial, considerando então a

perspectiva de crítica ao estruturalismo que norteia esta pesquisa não há possibilidade de esquivar-se à sua análise.

No entanto, sempre há lacunas, então sempre perspectivas novas são viáveis. A intenção desta releitura sobre um termo tão complexo para o campo de estudos linguísticos é prosseguir com reflexões que estimulem a discussão em uma esfera mais filosófica do que propriamente pragmática sobre o signo. É um empreendimento que segue uma nova direção, um novo pensar sobre um problema de primeira ordem nos estudos sobre a linguagem.

Esse novo pensar não carrega a pretensão de contemporaneidade em detrimento de pensamentos arcaicos, ou ultrapassados, também nada tem de muito original, pois apenas os padrões desviaram de uma configuração para outra. Configuração esta que vem se delineando, tomando forma e se consolidando juntamente com a perspectiva enunciativa.

Não há mais a exigência de idealização de um objeto que fundamente um campo científico em construção, o objeto está dado, autônomo e soberano, assim é o signo. Podemos pensar sobre este objeto lingüístico com diversos olhares, estruturalista, enunciativo.

Sobre os pressupostos teóricos externos que embasam a presente pesquisa encontrei impulso também para análise do signo no pensamento do filósofo Dany-Robert Dufour, o qual oferece uma nova perspectiva de pensarmos ciência, percurso este instaurado para efetivamente propor novas possibilidades que não engessem o pensamento e as concepções em dualidades, em oposições, em maniqueísmos em binariedades, cerne do signo saussuriano, mas que facultem uma amplitude na construção de novos paradigmas, métodos, análises.

Fugindo da perspectiva positivista me deparei também com o dizer de Umberto Eco, o qual me ofereceu respaldo para análise e releituras

deste tão inusitado “objeto”, sob novas circunstâncias transformadoras que permitam indagações outras. Eco questiona se o signo não é um conceito em crise e aponta para o fato de que existem diversas definições, mas não contraditórias no todo, inclusive com a possibilidade de se complementarem. Esse teórico ainda delinea a história do signo desde os estóicos, lembra o início da semiótica e, de forma interessantíssima aponta para uma tentativa de “apagamento” do signo que vem ocorrendo, bem como para soluções evasivas delineadas para definir o signo.

Ainda em busca de compreensão da passagem realizada do estruturalismo para a enunciação, descobri Derrida e sua desconstrução, com uma feroz crítica à metafísica tradicional essencialista e às suas binariedades, as dualidades do objeto cognoscível, o exterior e interior, o físico e a essência. Pensamento este que inicia no período dito cosmopolita com a pretensa tentativa de explicação do mundo pela razão e sistematização, o *logos* de Sócrates tomando forma no mundo dividido de Platão: o sensível o inteligível, *doxa versus eidos a dianoia* contra a *noesis*, enfim dicotomias ou binariedades.

Além dos pensadores supra citados ofereceu embasamento à presente pesquisa a perspectiva da lingüista Aya Ono, no que diz respeito aos textos de Benveniste, conforme já dito ao início, propondo esta teórica que há releituras ainda necessárias dos textos benvenistianos, inscrevendo parte de suas análise na busca de uma descoberta das potencialidades em termos de enunciação nos artigos de Benveniste.

Encaminhando-me para o fim desta longa introdução, ainda é imprescindível salientar que o método eleito para esta pesquisa encontrou respaldo em uma orientação dialética, ainda que fale em ruptura, bem como uma orientação fenomenológica, de forma amalgamada positivamente, então alterno entre Husserl e Kant, de Husserl a generalidade e de Kant as propriedades elementares.

O texto que desenvolvo primeiramente é um esboço e um esforço de compreensão, da linha percorrida pelos estudos científicos e

filosóficos desenvolvidos na era moderna que precederam e que animaram o surgimento do estruturalismo. Este paradigma nas ciências lingüísticas e o signo no contexto estrutural. Teço uma breve análise do comportamento científico em vista de torna-se fundamental compreender o envolvimento da figura do cientista, seu comportamento submisso ou crítico, a força dos paradigmas sobre o fazer ciência e de que forma ocorrem as mudanças epistemológicas. Posteriormente encaminho uma análise das razões pelas quais o paradigma estrutural não mais atendeu às demandas da língua, e a necessária ruptura, a trajetória da binariedade para a trindade. Por fim pretendo demonstrar que Benveniste, no campo das ciências linguísticas representou essa mudança.

A configuração apresentada se justifica na medida em que pretendo nesta breve dissertação, quase ensaio, um estudo sobre as origens do velho e do novo fazer lingüístico e de que forma o constructo teórico signo acompanhou esta transformação, e, assumindo uma postura crítica ao fazer científico de orientação positivista-empírico e à lingüística estrutural, defino o norte deste trabalho sob uma perspectiva enunciativa.

CAPITULO I

ESTRUTURALISMO: FUNDAMENTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS

O estruturalismo é, portanto, um movimento de pensamento, uma nova forma de relação com o mundo. Francois Dosse

Pretendo neste primeiro capítulo compreender as contendas e demandas referentes à ciência da língua e a ferramenta desta última o signo nos períodos estruturalista e enunciativo, então examinarei o surgimento e o lugar desta primeira matriz disciplinar que se desenvolveu no século XX, em razão de que o início do campo efetivamente científico da linguística foi marcado pela propagação do referencial teórico da estrutura que, modelou, determinou, encaminhou a perspectiva linguística, enfim a ciência linguística tem um grande débito com o pensamento estrutural.

Então, com o intuito de elucidar o percurso da ciência que antecede e possibilita o estruturalismo, nos limites de uma dissertação vou analisando o positivismo e o empirismo, duas perspectivas filosóficas determinantes que surgiram na ciência e na intelectualidade, pois ambos não só possibilitaram o surgimento do paradigma estruturalista, mas foram efetivamente decisivos no processo de construção deste último. Atendendo às interrogações surgidas posteriormente à euforia estruturalista surge um novo pensamento denominado enunciativo, pretendo também analisar as razões e fundamentos desta transição e desse paradigma linguístico fundante de uma nova ordem no campo da ciência linguística, em razão de que o paradigma da enunciação, se não carrega a intenção de romper totalmente com o seu antecessor, alia-se à estrutura complementando-a.

Paralelamente a esta análise histórica da formatação da ciência na humanidade ocidental, proponho na terceira parte deste capítulo uma breve análise do signo no período estruturalista, observando as formulações teóricas que circundam este termo signo, uma vez que, consoante Eco (1984) a discussão tanto sobre a língua quanto sobre o signo torna-se fundamental para compreendermos problemas da ética à metafísica. A organização teórico-cronológica definida tem o objetivo de analisar o desenvolvimento da perspectiva científica que em determinada época imprimiu, orientação, método, definiu paradigmas empirista e estruturais tanto aos filósofos quanto aos cientistas, tem o objetivo

também de examinar os aspectos promotores e os desdobramentos deste pensamento revestido com os fundamentos positivistas.

1.1 O COMPORTAMENTO FILOSÓFICO - CIENTÍFICO DE UMA ÉPOCA

Todas as concepções humanas passam por três estádios sucessivos: teológico, metafísico e positivo... Lei dos três estados: Augusto Comte

Percorrer a trajetória histórica do complexo período filosófico-científico que compreende o positivismo e o empirismo entre o fim do século XVII e o século XX, não é tarefa fácil, ademais não raro se faz mister o resgate de reflexões dos grandes filósofos da humanidade, uma vez que devemos para os gregos os impulsos filosóficos mais significativos.

Platão e Aristóteles nos ofereceram a discussão mais fértil e ferrenha, inatismo *versus* empirismo, Platão desenvolve a noção de inatismo no diálogo entre Ménon e Sócrates e no mito de Er no livro X da República, sendo que no texto primeiro evidencia-se o conhecimento inato do escravo de Ménon sobre conhecimentos matemáticos e no segundo texto Platão desenvolve, pelo mito, a teoria da reminiscência, ou seja, a noção de que o conhecimento é inato.

Platão construiu a noção de *doxa* ou opinião para contrastar com a episteme obtida da intelectualidade, sendo esta última verdadeira e a primeira passível de erro, engano, fundamentou a lógica quando calcou na argumentação a verdade, pois esta só poderia ser obtida com a demonstração de teses e a coerência dos conceitos. Platão já dividia o mundo em dicotomias, elaborou a noção de idéia inata formulando o conceito de *a priori*, daí o inatismo com o homem ideal, universal. Platão influenciou diretamente os idealistas Kant e Hegel.

Aristóteles já estava preocupado com a forma e defendeu a

experiência como pano de fundo para compreendermos a ocorrência do conhecimento, então em Aristóteles já se encontrava o germe do pensamento empirista.

Ademais, os filósofos gregos provocaram o movimento da ciência moderna em razão do movimento empreendido, por exemplo, por Galileu que se empenhou em romper com as tradições oriundas de ambos, com muito mais crítica ao pensamento Aristotélico, rechaçando a autoridade e a tradição deste filósofo, possibilitando o movimento de revolução na ciência realizado em acordo com Köche (2007):

Esses dois caminhos, o platônico e o aristotélico, depois de coexistirem por mais de 2000 anos, foram duramente atacados a partir do século XV e, principalmente, no século XVII, durante o Renascimento, pela revolução científica moderna, que introduz a experimentação científica, modificando radicalmente a compreensão e concepção teórica de mundo, de ciência, de verdade, de conhecimento e de método.

A teoria do conhecimento, especificamente a epistemologia com seus questionamentos, oferece as formulações que fundamentam as orientações científicas da humanidade. Mais do que uma necessidade, se impõem a compreensão do ato de conhecer, em acordo com Besnier (1996): Actualmente, inúmeros filósofos e homens da ciência consideram mesmo como sendo de primeira urgência, a tarefa de elaborar – um conhecimento do conhecimento. O que é o conhecimento e de que forma este ocorre. Tal questionamento é de tamanha importância que ocupa uma parte significativa da filosofia, principalmente a gnosiologia, a qual tem ainda outros temas necessários e universais para reflexão. Em acordo com Redhead (1995):

A epistemologia, a teoria do conhecimento, tem sido tradicionalmente a preocupação central da filosofia ocidental, ainda que apenas para mostrar o quanto as formulações clássicas são equivocadas! De fato, muitos pós-modernistas diriam que o mais significativo avanço recente em filosofia

consistiu em dissolver, mais do que resolver, os problemas epistemológicos tradicionais.

Destaca-se para as questões sobre o conhecimento, na forma que vivenciamos hoje, o período que inicia no século XVII, pois foi a época em que mais produziram hipóteses, teses, paradigmas, sobre as questões que dizem respeito ao conhecimento.

As dicotomias iniciadas lá por Platão, entre outras significativas, por exemplo subjetivismo *versus* objetivismo, mente *versus* corpo, constituem o pano de fundo das grandes teorias, das grandes filosofias, pode-se afirmar que dão início a uma sangrenta batalha da epistemologia com um desdobramento nas várias áreas do conhecimento, influenciam as ciências ditas exatas e à denominadas humanas.

O esforço de compreensão do mecanismo do conhecimento já nos gregos divide-se entre a razão e a experiência, encontra-se atrelado à metafísica até que, no período de predomínio do empirismo segue em rumo próprio e com a pretensão de ser o carro chefe da filosofia ocidental. Segundo Hessen (2003):

O Homem é um ser espiritual e sensível. Distinguimos correspondentemente um conhecimento espiritual e um conhecimento sensível. A fonte do primeiro é a razão; a do segundo, a experiência. Pergunta-se então, qual é a principal fonte em que a consciência cognoscente vai buscar seus conteúdos. A fonte e o fundamento do conhecimento humano é a razão ou a experiência. Essa é a questão sobre a origem do conhecimento.

Ainda é possível afirmar que o conhecimento roga para sua existência a verdade, tributo também dos filósofos gregos que, preocupados com esta definiram as normas da lógica para alcançá-la, e a verdade. Em acordo com os preceitos fenomenológicos, por exemplo, a verdade acontece na medida em que há uma concordância de uma “figura do pensamento” presente no sujeito com um determinado objeto, supondo a mediação pela língua manifestada no signo, em relação à esta

relação verdade - figura de pensamento e objeto, encontrei a fala de Hessen (2003):

A essência do conhecimento está estreitamente ligada ao conceito de verdade. Só o conhecimento verdadeiro é conhecimento efetivo. “Conhecimento não-verdadeiro” não é propriamente conhecimento, mas erro e engano. Em que consiste, então, a verdade do conhecimento? Segundo o que foi dito, a verdade deve consistir na concordância da “figura” com o objeto. Um conhecimento é verdadeiro na medida em que seu conteúdo concorda com o objeto intencionado. Conseqüentemente, o conceito de verdade é um conceito relacional. Ele expressa um relacionamento, a saber, o relacionamento do conteúdo do pensamento da “figura”, com o objeto. (...) É esse o conceito de verdade da consciência científica. Ambos visam, com a verdade, a concordância do conteúdo do pensamento com o objeto.

Assim, excluindo os dogmáticos, para os quais não é relevante tal questionamento, pois não compartilham necessariamente com a supremacia da afirmação supra citada sobre o conhecimento, está formada uma esfera propícia para diversas possibilidades sobre o encaminhamento que a civilização ocidental dará a todo este jogo de relações entre o sujeito, o objeto, o conhecimento, a verdade, a língua e o signo.

O sujeito e objeto, disputam a primazia da determinação, conforme a teorização à qual se filia o cientista e/ou filósofo, em relação aos outros elementos, o conhecimento, a verdade, a língua, o signo, acontece a reflexão em relação às perspectivas da forma que se estabelecem, que se entrelaçam, enfim que se relacionam com o sujeito e objeto.

Para encaminharmos o desenvolvimento da apreensão, do conhecimento sobre as relações supra citadas, por óbvio também utilizamo-nos da ciência, uma vez que cabe a esta uma grande porção da elaboração do saber na humanidade, a qual estaria ainda entregue às opiniões, aos dogmas religiosos, aos mitos, caso não propagasse essa habilidade. No entanto, a ciência, que viveu seu apogeu nos fins da idade média e início da idade moderna, em que pese já estar presente nos

gregos, tem seu desenvolvimento marcado por grandes paradigmas filosóficos.

Então, analisando o progresso da ciência verifico que entre as possíveis soluções para as questões sobre esta intrincada faculdade humana da possibilidade do conhecimento científico, estão os antagônicos racionalistas de René Descartes do “Cogito Ergo Sum” e os empiristas de John Locke.

Por racionalismo em acordo com Hessen (2003) compreende-se o ponto de vista epistemológico que enxerga no pensamento, na razão, a principal fonte do conhecimento humano, enquanto no empirismo há uma contraposição de idéias e, este ponto de vista, alega que a única fonte do conhecimento é a experiência. Vejamos o que diz o grande empirista John Locke (1999):

Não há princípios inatos na mente. A maneira pela qual adquirimos qualquer conhecimento constitui suficiente prova de que não é inato. Consiste numa opinião estabelecida entre alguns homens que o entendimento comporta certos princípios inatos, caracteres, os quais estariam estampados na mente do homem, cuja alma os recebera em seu ser primordial e os transportara consigo ao mundo. Seria suficiente para convencer os leitores sem preconceito da falsidade desta hipótese se pudesse apenas mostrar como os homens, simplesmente pelo uso das suas faculdades naturais, podem adquirir todo o conhecimento que possuem sem a ajuda de impressões inatas e podem alcançar a certeza sem nenhuma destas noções ou princípios originais.

O empirismo deu início ao predomínio de uma nova modalidade de conhecimento baseada na experiência campo de estudos, que distinguindo-se da Lógica a qual se debruça sobre a correção do pensamento, se preocupa com a verdade e com a relação pensamento-objeto.

Uma significativa e dominante parcela de cientistas que vão surgir dessa nova geração epistemológica empirista estão afetados pelas novas epistemologias, perspectivas e adotam posturas que recusam o *a priori*

(conhecimento que antecede a experiência), mesmo o lógico que aceita a experiência como parte integrante do conhecimento, recusam o inatismo, recusam a metafísica, estão completamente comprometidos com um cientificismo e uma concepção empirista de ciência.

No entanto encontramos em John Locke empirista ferrenho um fértil diálogo entre empirismo e metafísica, pois Locke não descarta a existência e a importância da metafísica tradicional propondo a possibilidade de uma existência conjunta das diversas formas de conhecimento, com uma preferência para o empirismo.

Tais formas de conhecimento pela razão ou pela experiência são de extrema importância para esta pesquisa, pois desta disputa com a franca vitória do empirismo, emerge o universo possível do estruturalismo. Conforme Crombie *apud* Köche (2007) a matemática ditou regras às futuras ciências:

(...) por influência do uso da matemática, da observação e da experimentação na tecnologia latente na Idade Média, que a exigência de métodos precisos de investigação e explicação no campo das ciências naturais conduziram à tentativa de uso de métodos matemáticos experimentais. Essa passagem era uma mudança da teoria que culminou com a revolução científica do século XVII.

Esta postura científica livre de misticismos, livre da filosofia, com ênfase em questões práticas, atrelada à matemática, extremamente rigoroso, presente na idade moderna decorre além dos pensadores citados acima, principalmente do paradigma newtoniano em acordo com köche (2007):

O paradigma newtoniano, impregnado pelo indutivismo e empirismo, gerou uma cega confiabilidade na ciência, sem dúvida alguma, sustentada na certeza e exatidão dos resultados das teorias obtidas por um procedimento julgado perfeito: pensou-se que se poderia, sem interferências de ordem subjetiva, teórica, ou metafísica, descobrir as leis e os princípios que comandavam os fenômenos da realidade. A

exatidão dos resultados dos experimentos newtonianos e o acordo perfeito de suas provas com as teorias facilitou a aceitação da crença de que a física newtoniana, construída com o uso de um método científico-experimental indutivista e confirmabilista, estava proporcionando ao homem um conhecimento “comprovado”, “confirmado” definitivamente, inquestionável e desprovido de interferências subjetivas. Era, portanto, um conhecimento que havia alcançado a “objetividade”, isto é, era um espelho fiel da realidade, fundamentado nos fatos e não nas suposições da subjetividade humana. O experimento da física, seguindo a teorização coerente com o paradigma newtoniano, passou a ser o modelo ideal que deveria ser copiado por todas as outras áreas do conhecimento.

Então, retomando a trajetória da ciência, a revolução desta decorreu dos estudos de Galileu, o poderoso físico e sua bem-aventurada contenda com a igreja católica, consagrando outras verdades ou melhor outros contornos para a busca da verdade. Entra em cena o inglês alquimista Bacon, um dos fundadores da ciência moderna, com o filósofo empirista já citado Jonh Locke, para os quais tudo é experiência, concomitante desponta na filosofia o iluminista¹ Hume, que sofreu grande influência de Locke, desenvolveu o empirismo deste último quanto ao conceito de idéias, mas também é considerado juntamente com àquele o fundador do empirismo. Já no séc. XIX surge o filósofo e economista Stuar Mill filiando seu empirismo completamente à matemática, todos estes gênios entre outros, contribuiriam decisivamente para a formulação de um novo fazer científico, um megaparadigma chamado estruturalismo.

O fim da Idade Moderna, então, com este conjunto de celebridades acima citadas, viu florescer um comportamento científicistas, empirista-positivista que culminou na supremacia do positivismo, este iniciado, por sua vez, na era Comtiana com significativa influência até meados do séc XX, ainda que não possamos falar de um único positivismo e da mesma forma em relação ao estruturalismo, as raízes que fundamentam e que

¹ ... Já se disse que o empirismo fez parte do iluminismo. De fato, só a atitude empirista garante a abertura do domínio da ciência e, em geral, do conhecimento, à crítica da razão, pois consiste em admitir que toda verdade pode e deve ser posta à prova, eventualmente modificada, corrigida ou abandonada. Isso explica por que o iluminismo sempre estritamente unido à atitude empirista. Com o iluminismo, a ciência, filha mais nova da cultura ocidental, candidata-se ao primeiro lugar na hierarquia das atividades humanas. Abbagnano, Nicola. Dicionário de filosofia.

impulsionam os tantos positivismos encontram-se entrelaçadas e o propósito de exclusão da metafísica é capital para todas as vertentes positivistas, primam pelo dogmatismo da experiência e são determinadamente céticos quanto a questões de ordem metafísica.

Em relação à metafísica, considerando que esta também é fruto de divergências teóricas e comporta variadas concepções, esclareço que vou compreendendo aqui por metafísica a filosofia primeira² que pretende dar conta de algo não apreensível pela experiência, do que não é histórico, pois é imutável, é uma filiação ao um conceito de metafísica, uma construção teórica que compreende o termo na acepção do que nos chega em segundo plano, em que pese na ordem anteceder a aparência, acontecer em primeiro plano.

Transpondo esta concepção supra para a língua, observo que a língua é metafísica, a língua não é o que nos chega no primeiro plano, o signo, pois sua essência encontra-se naquilo que não se vê, em um segundo plano na ordem de apreensão, mas em primeiro plano na ordem da essência, é a coisa em si, não o fenômeno e sua manifestação primeira.

Retomando o encaminhamento das perspectivas científicas, vejo que o pensamento empirista, conforme acima já dito, fundamenta o conhecimento na observação do mundo e da experiência, em detrimento

² O conceito “Metafísica” origina-se sabidamente da obra de Aristóteles que nos foi transmitida com esse nome. É também sabido que esse nome não ocorre nos textos do próprio Aristóteles que nos foram conservados. Ele antes designa a ciência da qual trata a sua assim chamada Metafísica como “Filosofia Primeira” Πρώτη φιλοσοφία, também como “Teologia” Θεολογία ou pura e simplesmente como sabedoria σοφία. (...) o nome – em sua forma inicial teria sido introduzido puramente como uma denominação paliativa de natureza editorial a partir do lugar que essa obra obteve na coleção dos escritos. (...) Zingano (2005). A discussão sobre o conceito de Metafísica segue, alertando o autor para as possibilidades apresentadas, informando que Alexandre e Asclépio, os quais discutem a questão sobre a concepção do termo em Aristóteles se aproximam mais do que o filósofo pretendia conceber por metafísica, ainda que não tenha utilizado tal denominação: Alexandre e Asclépio sem dúvida aproximam-se mais da verdade ao procurar justificar a ordem Física-Metafísica a partir de considerações didáticas: a fraqueza de nosso espírito força-nos a começar pelo estudo de coisas imperfeitas e segundas, objetos da Física, para passar em seguida àqueles seres perfeitos e primeiros, objetos da Filosofia Primeira, com relação à nós, essa portanto vem depois da Física e merece o nome de metafísica. Em nota de rodapé (30) p. 118 o autor observa que: “ O anterior, portanto, é de dois modos; de um lado em relação à nós, de outro, em relação à natureza. Em relação à nós é anterior o que nos é mais conhecido e o que nós apreendemos mais facilmente , como os nomes e as sílabas, em relação às letras. Em relação à natureza, é anterior o que é mais simples segundo a substância, como as letras em relação aos nomes e o caminho é, agora, inverso.

de outras formas de conhecimento, seja intuição, fé, razão, senso comum e outras.

Nesse passo, a construção do conhecimento das idéias derivam diretamente das percepções, do que é concretamente sensível, perceptível, não há o anterior apreendido pela razão, o *a priori* platônico, o homem nada constrói em termos de conhecimento ou idéias anteriormente à experiência, é uma “tabula rasa”. Derivam desta perspectiva, desta concepção sobre o conhecimento, por exemplo, o behaviorismo ou comportamentalismo de Watson, de Skinner, que imprimiu à teoria um pensamento científico muito mais radical, de Pavlov com sua teoria do reflexo condicionado. Por fim encontrei um Wittgenstein que também dialoga com o behaviorismo.

Esta orientação epistemológica empirista cujo fundamento já se encontra em Aristóteles reflete o desejo de eliminarmos a imprecisão, divergente de Platão, o qual nos alertou para a impossibilidade de domínio da realidade, razão pela qual Platão faz uso do mito, não da lógica para explicar o que nos escapa ao domínio do discurso. No rastro de Aristóteles, seguem Thomas de Aquino, Francis Bacon, Hobbes, John Locke, Berkeley, David Hume, Stuart Mill.

As diferenças epistemológicas entre os empiristas citados não abala a noção fundamental, o cerne da teoria, pois todos adotam a experiência como ferramenta para a validade do conhecimento. Stuart Mill adota o método da indução como o único possível, John Locke considera a experiência, mas apenas como ponto de partida, pois não afasta a possibilidade dos universais, aceita a existência da validade baseada em um *a priori*.

No pensamento geral dessa época, na qual predomina o empirismo, importam as impressões e as operações mentais, a pretensão gira em torno de exercer um domínio da realidade, do seu objeto de estudo, um conhecimento tão preciso que ao conhecer sua estrutura seu sistema nos proporciona a possibilidade de prever o funcionamento, eliminando as imprecisões. Um delírio de onipotência conforme Olavo de

Carvalho.

Os estudiosos da linguagem, considerando as orientações adotadas por todo o pensamento intelectual circundante no período que precede o surgimento da lingüística enquanto ciência constituída, adotam uma perspectiva de solução das incertezas frente a língua, elemento de ligação, de mediação do sujeito com o objeto. Afetados por uma orientação cientificistas, buscam limpar a língua, abarcá-la de forma a compreendê-la, ditando as regras de funcionamento para reger a perfeita utilização da língua pelo falante.

Assim, a escolha metodológica advinda se definirá, tomará forma em acordo com esta nova e promissora composição de percepções do conhecimento, da ciência, composição esta que não somente rompeu com as formulações anteriores, mas ofereceu aos nascentes cientistas além do empirismo um novo dogmatismo, o científico.

Falei até aqui das concepções epistemológicas que possibilitaram, favoreceram, fundamentaram o estruturalismo, cabe ressaltar também o fato de que os movimentos científicos ou carregam uma carga de ruptura e rompem radicalmente ou as vezes empregam uma leve mudança na perspectiva pragmática com fundamentos coincidentes, sendo possível a confluência de diversas perspectivas sobre este processo, se adotamos Popper, falamos em conjecturas, se adotamos Feyerabend, Bachelard ou Koyré falamos em ruptura, negamos os métodos rígidos e universais, pensando com Duhem ou Croimbe estaremos sempre atrelados à antigüidade, se optarmos por Kuhn existirá sempre um paradigma dominante.

No entanto, não adentrando em uma especificidade de análise neste âmbito sobre o paradigma em tela, visto que não é o objetivo, me filio à hipótese de que o estruturalismo exerceu sim uma inegável dominância enquanto paradigma, mas sua função na história da humanidade foi de acompanhar as crises, as novas exigências, enfim os movimentos filosóficos e científicos que se desenvolveram na época, os quais em seu conjunto romperam decisivamente com seus antecessores.

O estruturalismo filiado às inovações científicas, também comporta um descontentamento com uma posição filosófica não de ordem epistemológica, mas no campo concernente à fatia gsoniológica da filosofia, havia um descontentamento com a perspectiva existencialista sartreana, razão pela qual o estruturalismo também carrega a pecha de ser anti-humanista, anti-histórico, anti-existencialista, além de anti-metafísico, existe um objetivo de crítica no estruturalismo, crítica ao humanismo crítica ao historicismo, em acordo com Merquior (1991):

Ora, os dois principais objetivos do estruturalismo, ou de uma crítica da ideologia existencialista, seriam justamente os temas conjuntos do humanismo e historicismo; o estruturalismo firmou-se no meio intelectual como um anti-humanismo e um anti-historicismo. Mas, por que o estruturalismo desafiava o humanismo? Porque o humanismo, tanto na filosofia como nas ciências sociais, subentendia a primazia da consciência, ou, usando um jargão mais filosófico, do sujeito.

Com o estruturalismo para uns surge uma nova possibilidade de conhecimento, pois, segundo Hrabák apud Mattoso Câmara Jr.: O estruturalismo não é uma teoria nem um método; é um ponto de vista epistemológico, já para outros surge uma verdadeira revolução filosófica, uma nova ideologia que alguns denominam de metaparadigma transdisciplinar.

Outros teóricos: Barthes, Foucault, Althusser, Lacan também fazem parte da gama intelectual que acreditou no estruturalismo e na supremacia da estrutura em detrimento do sujeito, razão pela qual conforme defende Merquior (1991) o estruturalismo veio criticar a moda anterior, qual seja: o existencialismo sartreano: “Desta forma, a difusão do estruturalismo, como um novo modismo intelectual parisiense no início e em meados dos anos 60, foi violento ataque ao modo de pensar associado ao existencialismo.”.

A ciência, elemento organizacional da sociedade, vem se orientando sempre por paradigmas, Newton conferiu ao mundo um

aspecto de máquina, Bacon, Galileu, Locke ditaram as regras empiristas, Descartes contribui com seu racionalismo e processos lógicos, Comte apresentou o positivismo, e por fim surge o estruturalismo de Lévi-Strauss e de Saussure, enfim, segundo Köche (2007) este período positivista-empiristas pretendeu superar o paradigma escolástico-aristotélico-tomista e apresenta características que compõem o novo fazer científico, quais sejam:

método experimental, quantitativo, analítico, indutivo confirmabilista, empirismo, mecanicismo, determinismo, reducionismo e monismo metodológico, progresso por acumulação de certezas, exatidão e regularidade, causalidade, exaltação da objetividade e condenação da subjetividade, dualidade sujeito-objeto, conhecimento pela razão e sensação, conhecimento das leis invariantes e eternas, necessidade de justificar o conhecimento com provas experimentais pois o duvidoso ou que não pode ser comprovado não é conhecimento. Há na interpretação do que seja o estruturalismo também a percepção de que este novo pensamento em verdade pretende ser uma síntese do pensamento filosófico que prioriza a dedução e a postura empirica-positivista.

Concluo então que o positivismo, o empirismo, o descontentamento como a corrente filosófica existencialista foram os elementos que possibilitaram, influenciaram ou até mesmo determinaram o surgimento da perspectiva estrutural, passo então a examinar de que forma este megaparadigma estruturalista aconteceu especificamente no campo da ciência lingüística.

1.2 ESTRUTURALISMO NA CIENCIA LINGUISTICA

Para compreender o êxito do estruturalismo, não basta ressituar o amplo contexto histórico do fenômeno, nem assinalar algumas filiações de ordem filosófica; é necessário evocar também o estado do próprio campo das ciências sociais, sua

morfologia, sua especificidade... (Dosse, Francois)

Este novo paradigma denominado Estruturalismo eclodiu na Europa com uma proposta metodológica inovadora, fundada em uma noção de sistema e gozou do seu apogeu nas décadas de sessenta e setenta. Admite-se mais de uma fonte para o princípio desse espetacular empreendimento intelectual, no entanto, nas ciências sociais e humanas Lévi-Strauss, e na lingüística Saussure são os teóricos que mais ocorrem nos textos que examinam esta órbita estruturalista, razão pela qual é forçoso uma análise que lhes preste a devida deferência, mas sem detrimento dos demais colaboradores, conforme Dosse (1992):

Saussure figura, portanto, como pai fundador, mesmo que em tantas investigações o conhecimento de sua obra seja mediado por este ou aquele. Ele dá a sua solução para o velho problema formulado por Platão no Crátilo. Com efeito, Platão opõe duas versões das relações entre natureza e cultura: Hermógenes defende a posição segundo a qual os nomes atribuídos às coisas são arbitrariamente escolhidos pela cultura e Crátilo vê nos nomes um decalque da natureza, uma relação fundamentalmente natural. Esse velho debate, recorrente, encontra em Saussure aquele que vai dar razão a Hermógenes com a sua noção de arbitrariedade do signo.

Saussure vivenciou a dura tarefa de estabelecer as regras de um novo fazer científico, estabelecer seus fundamentos, estava ele envolto na luta de ruptura com o que lhe antecedia e este compromisso lhe era presente, em acordo com Dufour (2000):

Falou-se em um “drama do pensamento” de Saussure: nota-se que, de ter voltado de Genebra para ocupar uma cátedra na Universidade, ele praticamente não escreveu mais: o Curso de Lingüística geral, como se sabe, foi publicado por seus discípulos. Para explicar esse drama, ressaltou-se a imensa tarefa que ele devia enfrentar para estabelecer as bases de uma nova ciência, obrigando-o a rejeitar quase tudo o que era então ensinado a propósito da linguagem. Enfatizaram-se seus escrúpulos em executar essa tarefa: “ Ele não podia resolver-

se a publicar a mínima nota sem ter antes assegurado os fundamentos da teoria”. Todas estas são observações perfeitamente legítimas, que eu não sonharia por um instante sequer em discutir. Mas elas tendem a inscrever esse drama numa dimensão pessoal e quase psicológica.

No que tange ao estruturalista Lévi-Strauss, Dosse (2000) destaca a consagração deste que juntamente com Saussure foi o grande idealizador do estruturalismo:

Quando, em 5 de janeiro de 1960, Lévi-Strauss pronuncia a sua aula inaugural no Collège de France, encerra-se um capítulo, o da fase heróica do estruturalismo, e abrem-se vastas perspectivas para o triunfo intelectual do paradigma. O ingresso daquele que encarna então o rigor do programa científico estruturalista no Collège de France simboliza o êxito deste, um reconhecimento oficial da fecundidade da efervescência em curso que recebe, portanto, uma consagração decisiva no limiar dos anos 60. (...) Em sua aula inaugural, Lévi-Strauss definiu o seu projeto na filiação de Ferdinand Saussure, quando este falava em semiologia. O verdadeiro objeto dessa antropologia social abrange um campo vastíssimo, o da vida dos signos no seio da sociedade.

Observamos que há uma disputa, entre teóricos, a fim de estabelecerem uma definição sobre a instauração do estruturalismo. Observo que, para selar a postura científica a lingüística contribuiu sobremaneira, solidificou esta nova perspectiva, foi o carro-chefe, obteve maior êxito e ditou as regras e orientações da conduta científica para outras ciências humanas, em que pese, alguns estudiosos considerarem que a supremacia do estruturalismo se deve ao trabalho de Lévi-Strauss na antropologia, pois este influenciou às ciências humanas, ditando regras, alegando que a ocorrência deste novo paradigma científico exige condições e estabelece critérios, segundo Lévi-Strauss *apud* Merchior, o paradigma estruturalista impõem três condições para sua existência:

a) seu objetivo deve ser universal, ou seja, vigente em todas as sociedades conhecidas;

- b) seu método deve ser sempre homogêneo, apesar da diversidade das áreas de aplicação;
- c) devem ter o consenso das autoridades sobre a validade dos pressupostos básicos subjacentes ao seu método. A primeira – e talvez única – ciência humana a satisfazer tais condições foi a lingüística. sobre o pensamento estrutural.

O Estruturalismo de Saussure e de Lévi-Strauss então, foi o paradigma dominante por um curto, mas considerável período da humanidade, e paradigmas influenciam nossas percepções, ações, nos levando a crer em uma única forma de ação, culminando na inflexibilidade e resistência às mudanças, no entanto, encontra-se inserida nesta mesma resistência a possibilidade de mudança, então surgem as anomalias de Kuhn, os problemas não resolvidos, as inquietudes para as quais os paradigmas não tem respostas.

É o paradigma do pensamento sistêmico. Com essa nova matriz disciplinar, novos parâmetros se apresentam no domínio da ciência, da filosofia, da lingüística, tem início com o período estrutural, uma verdadeira mudança, uma ruptura ousada e determinante nas ciências ditas humanas, em razão de que estas ciências sociais, antropologia, psicologia, lingüística, careciam de um aspecto de cientificidade, necessitam de métodos, delimitações, arvoravam para si o título de ciência e os parâmetros, os critérios de cientificidade eram ditados pelas ciências ditas exatas, pela matemática, pela física etc, compreensível então que a noção de estrutura tenha satisfeito a tais cientistas, não lhes sendo possível, considerando o contexto de época, outra perspectiva, o que é evidenciado por Benveniste (1995):

O simples enunciado dessas questões mostra que o lingüista quer desprender-se dos apoios ou das amarras que encontrava em quadros pré-fabricados ou em disciplinas vizinhas. **Afasta toda visão a priori da língua** para construir as suas noções diretamente sobre o objeto. Essa atitude deve pôr um termo à dependência, consciente ou não, em que se encontrava a lingüística face à história, de um lado, e a uma certa psicologia, do outro. Se a ciência da linguagem deve escolher os seus modelos, será nas disciplinas matemáticas

ou dedutivas que racionalizam completamente seu objeto, reconduzindo-o a um conjunto de propriedades objetivas munidas de definições constantes. Isso quer dizer que se tornará cada vez mais “formal”, pelo menos no sentido de que a linguagem consistirá na totalidade das suas “formas” observáveis.

A possibilidade de objetivação, sistematização que o estruturalismo ofereceu, proporcionou às ciências humanas um salto em termos de possibilidades científicas era o *insight* que faltava, a partir desta nova perspectiva tudo poderia fluir com critérios científicos, o resto que não pudesse ser apreendido, sistematizado era descartado, desconsiderado, apenas relegado ao esquecimento. Tal pretensão encontra-se bem presente em Saussure e suas famosas exclusões do sujeito, da história e do referente, diga-se de passagem, no Curso de Lingüística Geral. Perspectiva esta também corroborada por Benveniste.

Então, cabe lembrar o questionamento de Ducrot (1971) quando este interroga se não foi, umas das contribuições do estruturalismo a de interditar no campos das “defuntas” ciências humanas, tudo que não tenha a exatidão e a responsabilidade do especializado.

Podemos observar lá no empirista Francis Bacon também uma preocupação de domínio em relação à língua:

Embora acreditemos que governamos nossas palavras, com certeza são as palavras, qual um arco tártaro, que se voltam contra o entendimento do mais sábio, e poderosamente embaraçam e pervertem o julgamento. De forma que é quase necessário, em todas as controvérsias e debates, imitar a sabedoria dos matemáticos, estabelecendo desde o início as definições de nossas palavras e termos, para que outros possam saber como os aceitamos e entendemos, e decidir se concordam ou não conosco. Pois há de acontecer, na falta disso, que certamente terminaremos onde devíamos ter começado, ou seja – em problemas e discordâncias a respeito de palavras.

A proposta de Bacon precede o pensamento estrutural e já buscava um ajuste do pensamento lógico-matemático á língua sob pena

de em não o fazendo não alcançarmos clareza na expressão. Francis Bacon marca a chegada definitiva do empirismo, este já anunciado por Galileu, e do positivismo, tudo é regido pela experiência, tudo é tratado cientificamente, o objetivo a ser alcançado era da limpeza, da eliminação do que não pudesse ser observado, analisado, experimentado, generalizado, e assim alcançar o estatuto de Lei.

Nada pode ser mais infrutífero do que tal empreendimento, que alcançou seu inegável fortalecimento, supremacia, enfim, seu ápice no período de sujeição da linguística ao pensamento estruturalista, Benveniste ainda que descendente deste período estrutural desaprova esse diálogo logo no primeiro artigo do Problemas de Linguística Geral I.

Em que pese creditarmos ao Estruturalismo esta pecha da insana busca pelo domínio da língua, contraditoriamente encontramos no seio mesmo dos linguistas estruturais uma constatação com aspecto de crítica aos trabalhos desenvolvidos pelos estudiosos da língua que os precederam, ainda que somada a um reconhecimento da importância de tais estudos, vejamos o que dizem Bally e Sechehaye quando se referem à utilidade da Linguística, CLG (2008):

Qual é enfim, a utilidade da Linguística? Bem poucas pessoas tem a respeito idéias claras: não cabe fixá-las aqui. Mas é evidente, por exemplo, que as questões linguísticas interessam a todos (...) Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a língua constitui fator mais importante que qualquer outro. (...) de fato, toda gente dela se ocupa pouco ou muito; mas – consequência paradoxal do interesse que suscita – não há domínio onde tenha germinado idéias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções. Do ponto de vista psicológico, esses erros não são desprezíveis; a tarefa do linguista, porém, é antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível.

Recuperando então a discussão sobre a proposta dos estudiosos da língua desenvolverem uma perspectiva higienizante sobre a língua, observo que encontramos em outras áreas semelhantes preocupações. Além da lógica a qual se ocupa das questões referentes ao regramento

argumentativo, encontramos o campo da filosofia da linguagem, que pretende tratar do significado, do sentido, da referência, da verdade de uma proposição, enfim do uso da língua. Nestes dois campos despontam diversos filósofos que, resgatam os gregos, principalmente Platão, filósofo que analisou a relação entre o nome e as coisas, questionando se tal relação ocorre de forma natural ou convencional, e Aristóteles entre outros antigos. Mesmo considerando tal resgate, não se identifica anteriormente a Saussure nenhuma predisposição em compreender a língua enquanto sistema, o que confere a este teórico a originalidade no conjunto de suas intenções em relação à compreensão da língua. Benveniste também chama atenção para este fato:

Todos sabem que a linguística ocidental nasce na filosofia grega. Tudo proclama essa filiação. A nossa terminologia lingüística se compõem em grande parte de termos gregos adotados diretamente ou na sua tradição latina. Mas o interesse que os pensadores gregos tiveram muito cedo pela língua era exclusivamente filosófico. Raciocinavam sobre a sua condição original – a linguagem é natural ou convencional? - muito mais do que lhe estudavam o funcionamento.

Em verdade, cada filósofo, lógico, cientista, em acordo com a perspectiva de época e suas convicções vai relendo os gregos, interpretando e utilizando os questionamentos tradicionais, elaborando novas teorias, buscando soluções, sempre embalados pelas orientações epistemológicas dominantes.

Entre estes filósofos da linguagem surge Wittgenstein com a vã expectativa de controlar a língua natural dos homens, utilizando para tanto a língua perfeita da lógica, atrelado ao positivismo lógico do Circulo de Viena. Deste último é possível dizer que guarda a pretensão ingênua de eliminação da metafísica submissa atrelada à autoridade do método e o amor à ciência, observemos o que diz Wittgenstein em um diálogo com Russel na conferência do primeiro sobre ética em Dall'agnol (1995):

W – (...) O que pretendo com o Tractatus é algo parecido, isto é, eliminar a metafísica. O que é diferente em Kant é a qualificação da natureza deste empreendimento.

R – Então concorda com os membros do “Círculo de Viena para a Visão Científica de Mundo” que a metafísica pertence à infância da humanidade. Todos eles julgam certos tratados de metafísica como os de Hegel, Schopenhauer, absolutamente inúteis.

W – De modo algum. As obras de autores como Schopenhauer pertencem às mais altas criações do espírito humano, (XXIX) Não há nenhuma novidade em renegar a metafísica e os membros do Círculo de Viena deveriam ter isso presente. (XXX) A intenção de Kant não foi acabar com a metafísica, pois ela é, para ele, uma tendência natural da razão, mas alterar o seu método. Com o TLP faço algo parecido, a saber, mostro que sobre os problemas metafísicos nada podemos dizer.

Encontra-se no dizer de Wittgenstein a contradição presente em Saussure, no primeiro a exigência de exclusão da metafísica não pela negação de sua existência, mas por nada podermos dizer sobre esta. No mesmo passo, a meu ver, segue Saussure nada pode dizer sobre o que seja estranho ao sistema da língua, o que seja externo, deixando a outros cientistas a compreensão destes outros elementos, como se fosse possível eliminarmos a metafísica da língua, eliminarmos estes elementos externos em prol de um sistema organizado e limpo.

Wittgenstein sugeriu os “jogos de linguagem” como aparato responsável pela possibilidade de entendimento prático, sem os quais estaríamos impossibilitados de obter sucesso com as palavras. Necessitamos de regras e estas vão definir o próximo lance no jogo da linguagem, devemos ser capazes de utilizarmos tais regras cooperando assim com a possibilidade de compreensão. Visto sob este ângulo não há razão para negarmos a supremacia do pragmatismo lingüístico, em razão da necessidade desta perspectiva, que impregnou a lingüística, na busca de compreensão da estrutura e do sistema que é a língua, estamos neste jogo, dele necessitamos, com ele convivemos e nos organizamos.

Com uma postura semelhante desponta o filósofo Austin, considerando a perspectiva pragmática, pretendendo esclarecer as

diferenças entre enunciados que apenas constatarem algo daqueles que ao serem pronunciados efetivamente realizam algo, derivando desta percepção a denominação de sua teoria de atos de fala, pois dizer é fazer. Temos então, grosso modo, a teoria de Austin que identifica inicialmente³ os enunciados constativos e os enunciados performativos, desenvolve a noção de felicidade, estabelecendo as condições para esta, posteriormente revendo a sua teoria estabelece novos conceitos, então distingue os atos de fala locucionários, restrito à narrativa, os quais ocorrem simplesmente quando dizemos algo e se subdividem em fonético, fático e rético; os atos de fala denominados ilocucionários diz respeito à ação, é o ato de realizar algo ao dizer e não apenas o dizer tudo dependendo da relação estabelecida na interação, no uso da linguagem; por fim os atos perlocucionários que dizem respeito ao efeito, ao resultado obtido com os atos de fala.

Enfim, verifica-se a nítida pretensão dos filósofos da linguagem, os quais, juntamente com os lógicos estão preocupados em definir as regras às quais a língua em uso está submetida, visto está que ambos, e os novos cientistas da língua não fogem ao contorno epistemológico predominante.

Austin estimulou à reflexão sobre a língua diversos filósofos de suma importância para tais estudos entre eles encontra-se Searle, que ordenou uma outra subdivisão nos atos de fala, instituindo os atos proposicionais e ilocucionais e distinguindo cinco diferentes tipos de expressões: veriditivas, exercitivas, comissivas, condutivas e expositivas.

³ Benveniste (1996) dedica um artigo – Capítulo 22, a filosofia analítica e a linguagem, à reflexão sobre ambas, tomando para análise especificamente a teoria dos atos de fala de Austin e alegando não haver razão para o abandono, por Austin, da distinção entre constativos e performativos, vejamos o que diz Benveniste: Não vemos, portanto, razão para abandonar a distinção entre performativo e constativo. Acreditamo-la justificada e necessária, com a condição de que a mantenhamos dentro das condições escritas de emprego que a autorizam., sem fazer intervir a consideração do “resultado obtido” que é fonte de confusão. Se não nos prendemos a critérios precisos de ordem lingüística e formal, e em particular se não cuidamos em distinguir sentido e referência, pomos em perigo o próprio objeto da filosofia analítica, que é a especificidade da linguagem nas circunstâncias em que valem as formas lingüísticas que escolhemos estudar. A delimitação exata do fenômeno de língua importa tanto à análise filosófica quanto à descrição lingüística, pois os problemas do conteúdo, pelos quais se interessa mais particularmente o filósofo, mas que o lingüista tampouco negligencia, ganharão em clareza se forem tratados dentro dos quadros formais.

Influenciou também pensadores não linguistas e, em princípio, não estruturalistas, por exemplo, o hermenêutico Habermas, com a teoria da Ação Comunicativa, que parte de Austin e explora questões éticas relevantes no processo de comunicação. O pragmático Apel, crítico do cientificismo dominante que trabalha juntamente com Habermas na teoria da Ação Comunicativa, embora teça algumas críticas sobre as teorias daquele e posteriormente se afaste. Por fim Austin influencia também Derrida pós estruturalista.

Observo que a tradição filosófica sobre a linguagem da mesma forma que o estruturalismo tem a pretensão de higienizar a língua, de obter total controle sobre seu funcionamento, tem a pretensão de domínio sobre a língua com o intuito de prever a organização desta para então estabelecer as regras de funcionamento, postura pragmática diferente da prática anterior que era puramente descritiva. Do contexto intelectual emergia esta necessidade de sistematização, de regras, de domínio, de seus objetos, não estando a língua fora destes ideais.

Retomando o estruturalismo, esta etiqueta que dominou a intelectualidade nas décadas de sessenta e setenta corroborou as perspectivas dominantes, pois, em acordo com Pavel (1988) reuniu as tendências ideológicas e filosóficas do momento. Tomou forma definitiva com Saussure e a estrutura da língua, tendo o reconhecimento de todos os seus pares, “Não há um só linguista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione o seu nome” (BENVENISTE 1995, p. 34), fez parte da antropologia com Lévi-Strauss. Encontramos esta etiqueta em Bloomfield, do estruturalismo americano, que influenciou Harris, mas foi criticado e rebatido por Chomsky, encontramos os estruturalistas Hjelmslev, Meillet, Jakobson, todos cientistas da língua, além deles fazem parte deste universo, negando-o, ou ainda criticando-o, mas de alguma forma atrelados a ele, Lacan, Barthes, Foucault, Derrida, já mencionados nesse texto.

Assim se organizou e se constitui fortemente a base para todo um pensamento de época, estava formado o *Zeitgeist*, em oposição ao que

seja razão, teologia, metafísica, agora tudo é empirismo e experiência, tudo é positivismo e relação, tudo é sistema, o centro é a estrutura. Não há espaço para a metafísica, visto que se desenvolve segundo Bouveresse *apud* Pavel (1988) uma filosofia autofágica:

... a especulação dos anos sessenta se declara contra o que ela crê ser metafísica, sem no entanto, tentar definir um espaço alternativo no seio do qual novos referentes possam ser construídos, novas estratégias de compreensão postas à prova. A noção derridiana de desconstrução, a arqueologia de Foucault, também verossimilhantermente a reescrita estruturalista do Capital de Marx por Althusser, manifestam, cada um a seu modo, o abandono da metafísica em favor da metaproblemática.

1.3 O PRIMADO DA ESTRUTURA

É resultado desse pensamento simplificador e conseqüência da presença forte do estruturalismo embalado pela era positivista, o de convivermos com uma linguística voltada para as preocupações internas da língua enquanto sistema, enquanto estrutura. Ainda que a linguagem seja tema recorrente na filosofia, isto não a salvou desta perspectiva, a necessidade constante de elidir qualquer “confusão” que as palavras possam causar, ensejou profundos debates.

O Estruturalismo acredita que conhecendo a estrutura pode dominar o funcionamento, pois, descendendo dos positivistas e dos empiristas que buscaram livrar-se da metafísica a qualquer custo com Galileu, Descartes entre tantos outros, os quais aparentemente carregavam a pretensão de enjaular a realidade dentro de um sistema, atende às pretensões vigentes no período, coaduna com as pretensões da época, razão pela qual foi um caminho natural, necessário, inevitável.

Atento para o fato de que a noção de estrutura é praticamente uma

ferramenta organizadora de um sistema, seja qual for o campo ao qual se destina o cientista a observar e compreender, conforme Abbagnano (2007):

Em sentido restrito e específico, a estrutura, não é um plano qualquer ou qualquer sistema de relações. Mas um plano hierarquicamente ordenado, ou seja, uma ordem finalista intrínseca destinada a conservar o máximo possível seu plano. (...) a estrutura não é constituída simplesmente por um conjunto de elementos em relação, mas por uma ordem hierárquica que tem o objetivo de garantir o êxito de sua função e sua própria conservação. Pode-se dizer que a estrutura é caracterizada pelo fato de propor como fim sua própria possibilidade de ser.

O conceito de estrutura é o cerne desse novo pensamento e a noção de estrutura não se confunde com o termo sistema, inclusive Benveniste pensa estes dois termos com uma perspectiva hierárquica, pois a língua que tem a estrutura forma um sistema, no dizer de Benveniste a língua é um arranjo sistemático:

Eis aí o segundo termo da linguística, a estrutura. Entende-se em primeiro lugar, por aí a estrutura do sistema lingüístico, revelada progressivamente a partir da seguinte observação: uma língua jamais comporta senão um número reduzido de elementos de base, mas esses elementos, em si mesmos pouco numerosos, prestam-se a grande números de combinações.

Benveniste segue esclarecendo sobre a hierarquia do sistema:

as entidades linguísticas não se deixam determinar senão no interior do sistema que as organiza e as domina, e umas em razão das outras. Não tem valor a não ser como elementos de uma estrutura. Logo em primeiro lugar, é o sistema que é preciso destacar e descrever.

Ainda que comumente ambos estrutura e sistema sejam utilizados com uma perspectiva de similaridade, há uma supremacia do sistema, a estrutura organiza-se no interior de um sistema. Também estrutura e sistema não se confundem com a noção de conjunto - componentes lado a lado – ou síntese onde há a fusão de elementos possibilitando o surgimento de uma unidade maior, em acordo com Hrabák *apud* Mattoso Câmara Jr. ainda que no sistema esteja pressuposta uma estrutura, este caracteriza-se pelo fato de ser um todo suficiente onde os elementos que o compõem são bastantes e complementares na sua distribuição, já a estrutura acrescenta o elemento da inter-relação à noção de sistema, pois os elementos da estrutura se associam e se complementam para resultarem em uma forma. Mais uma vez em consonância com Abbagnano (2007):

Segue-se que a noção de estrutura não pode ser unilateralmente identificada com a de totalidade ou sistema. De fato, como observou Boudon, se o estruturalismo consistisse apenas em reconhecer um sistema ou uma totalidade (numa língua, numa sociedade ou numa personalidade), cujos elementos fossem analisáveis sem referência a essa totalidade, deveríamos nos perguntar “como foi possível uma idéia tal banal ter provocado uma revolução científica”. Ao contrário, como vimos, a estrutura coincide com a sintaxe de transformação do sistema, ou seja, com o conjunto de regras de relação, combinação e permutação que interligam os seus termos.

Sobre a estrutura, temos a reflexão de Carnap quando este busca redefinir as concepções de sentido e de significado de Frege, alegando prescindir do que seja externo ao significado, ou seja, o sentido, a representação subjetiva, importa apenas o objeto: o significado e sua estrutura.

Benveniste se refere à estrutura quando fala da objetividade alcançada, agora, pela nova linguística, com a identificação dos elementos da língua, Benveniste (1995):

Esses elementos ordenam-se em séries e mostram em cada língua, arranjos particulares. Trata-se de uma estrutura, em que cada peça recebe a sua razão de ser do conjunto que serve para compor. Estrutura é um dos termos essenciais da linguística moderna, um dos que ainda tem valor programático.

Segue, ainda em Problemas de Linguística Geral I, estabelecendo uma diferenciação, no que tange à estrutura, referindo que a Linguística Européia e a Linguística Americana não se valem da mesma concepção de estrutura:

Entende-se por estrutura, particularmente na Europa, o arranjo de um todo em partes e a solidariedade demonstrada entre as partes do todo, que se condicionam mutuamente; para a maioria dos linguistas americanos, será a distribuição dos elementos, tal como se verifica, e a sua capacidade de associação ou de substituição. A expressão linguística estrutural recebe por isso diferentes interpretações; bastante diferentes, em todo o caso, para que as operações decorrentes não tenham o mesmo sentido. Sob o nome de estrutura, um “bloomfieldiano” descreverá uma organização de fato, que segmentará em elementos constitutivos, e definirá cada um destes segundo o lugar que ocupar no conjunto e segundo as variações e as substituições possíveis nesse mesmo lugar.

No entanto, segundo Chomsky (1971) a noção de estrutura é anterior ao estruturalismo e também nos estudos da língua, porém a perspectiva inovadora promovida pelo estruturalismo é que lhe confere a originalidade, afirmando que se assim não o fosse a noção de estrutura estaria atrelada ao velho sentido de organização, inclusive já presente nas gramáticas anteriores.

Outros filósofos estabeleceram reflexões importantes sobre o conceito do termo estrutura, entre eles encontrei Derrida (1971), questionando sobre a noção de centro dentro da estrutura:

Seria fácil mostrar que o conceito de estrutura e mesmo a palavra estrutura tem a idade da *episteme*, isto é, ao mesmo

tempo da ciência e da filosofia ocidental, e que mergulham suas raízes no solo da linguagem comum, no fundo do qual a episteme vai recolhê-los para os trazer a si num movimento metafórico. Contudo, até ao acontecimento que eu gostaria de apreender, a estrutura, ou melhor a estruturalidade da estrutura, embora tenha sempre estado em ação, sempre se viu neutralizada, reduzida: por um gesto que consistia em dar-lhe um centro, em relacioná-la a um ponto de presença, a uma origem fixa.

Observo que a percepção da necessidade de organização científica em torno de uma estrutura ou a fixação de um centro estruturador, permeia a filosofia da linguagem, a ciência lingüística, a formulação filosófica do lógico Russel, as teorias econômicas marxistas, enfim transita por várias áreas do conhecimento, sempre se fazendo presente, mas talvez nunca com tanta ênfase quanto ocorreu no estruturalismo.

Os paradigmas confundem-se com uma estrutura conceitual, uma matriz disciplinar, uma teoria, não raro, os próprios cientistas negligenciam ao não refletirem sobre os paradigmas que embasam suas teorias e não se apercebem da importância desta reflexão, no presente caso, os filósofos da linguagem e os cientistas da língua estão fortemente atrelados ao paradigma da estrutura, não exercendo outra reflexão, visto que as críticas no interior mesmo de seus paradigmas é um exercício difícil pelo próprio comportamento submisso do cientista, engendrado na própria organização científica, conforme Vasconcellos (2009):

serão de fato muito poucos os profissionais que, ao saírem da universidade, terão tido a oportunidade de atentar bem para o paradigma de ciência que orienta a produção e a aplicação do conhecimento científico em sua área. Entretanto, o que pode parecer contraditório é que, apesar de a maioria das pessoas não estar atenta ou não ter o hábito de pensar sobre o paradigma da ciência, é a ciência que embasa o viver em nossa cultura

1.4 O SIGNO ESTRUTURALISTA

Diremos – e é a única maneira de não incidir na confusão – que sob o nome de Estruturalismo se reagrupam as ciências do signo, os sistemas de signos. Chomsky

O embate teórico sobre o conhecimento inicia lá nos gregos e, sendo a língua um dos elementos que o tornam possível pela utilização de uma ferramenta chamada signo, esta dupla, língua/signo, também é objeto de curiosidade e angústia do homem, para entendê-la e pela ânsia de domesticá-la, sendo de igual forma angústia desta pesquisadora, razão pela qual conduzi esta pesquisa em direção especificamente ao termo signo.

A discussão sobre o signo está atrelada à semiótica ou à semiologia, ambas definindo para objeto de estudo o signo, sendo Peirce e Saussure respectivamente os grandes articuladores desse estudo que tem seu início lá nos filósofos gregos, tendo sido organizada em termos de doutrina já pelos estóicos, então, podemos trabalhar com a semiótica peirciana ou a semiótica estruturalista também denominada semiologia à qual se filiam, além de Saussure, Lévi-Strauss, Barthes, Greimas ou ainda à semiótica russa de Jakobson, Hjelmslev e Lotman. Humberto Eco que se filia à semiótica diz que cabe a esta ciência as questões referentes ao significado, as metáforas, ao símbolo, ao código e ao objeto principal – o signo.

Não pretendo discutir os paradigmas linguísticos mais comuns e ainda em uso, definições já batidas sobre o signo saussuriano: duas faces, arbitrário, obediente ao princípio da linearidade, definições que também, não se mostraram suficientes, mas muito mais limitadoras, apenas pretendo demonstra-las a fim de identificar o signo saussuriano e demonstrar que a enunciação exige um novo conceito de signo.

De outra forma também não inscrevo minhas análises sobre o signo no campo da semiologia ou semiótica, pois não é sobre o sistema de signos que vou falar estando a delimitação no termo signo linguístico e

a sua correspondência com a teoria da enunciação benvenistiana, uma vez que este também faz uso de um signo estruturalista. É o termo por ele mesmo, considerando o contexto, o antes e o depois, verificando a sua pertinência, propondo uma análise questionadora seguida de uma reflexão sobre a trajetória percorrida do signo lingüístico nos textos de Benveniste.

Contudo, a perspectiva adotada sobre o signo fundamenta o encaminhamento pragmático das teorias sobre a língua razão pela qual, entre outros elementos importantes, é forçoso nos posicionarmos a respeito do entendimento, da compreensão, afinal do que consideramos por signo para então definirmos nossas escolhas teóricas.

Considerando que o signo nesta órbita estruturalista é elemento fundamental e o signo estruturalista é apenas um, é o signo saussuriano, faz-se obrigatório um retorno ao Curso de Lingüística Geral, doravante CLG com a intenção de capturar as veredas deste objeto. Impossível de ser diferente, em razão de que o referido texto é um marco na lingüística e de igual forma seu inspirador Saussure.

Cabe ressaltar que partimos de um dizer que não é o dizer de Saussure, é uma autoria imputada a Saussure sem a devida precaução de dar a Cezar o que é de Cezar, principalmente, por aqueles que estão no início do percurso no campo das ciências lingüísticas, não por má-fé, mas por desconhecimento e subserviência aos argumentos de autoridade.

No entanto, no desenrolar de leituras e estudos, algumas posturas adotadas vão sendo desfeitas e junto vem a compreensão do processo de instauração de tal obra no cenário lingüístico. Não se discute aqui o que o CLG estabeleceu, o marco que representa, discute-se apenas que nele não recuperamos o dizer de Saussure, exatamente conforme consta no prefácio á edição brasileira "... Saussure – como Sócrates e Jesus – é recebido de "segunda mão". O que dizem que Sócrates, Jesus e Saussure falaram é o que nos chega, será que teríamos o consentimento e a concordância com os registros feitos?

Não há na formulação supra qualquer pretensão de negar a Saussure a instauração definitiva da lingüística no espaço científico, muito menos a concepção de signo, apenas teço as necessárias ponderações sobre a construção desta obra significativa, para refletir honestamente sobre o que Saussure pensou em relação ao signo e sua natureza.

São válidas essas observações antes de adentrar no objeto – signo, pois vão ao encontro do que os próprios autores do CLG alertaram: “Aceitamos integralmente semelhante responsabilidade e queremos ser os únicos a carregá-la. Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes? Ficar-lhe-íamos gratos se dirigisse contra nós os golpes com que seria injusto oprimir uma memória que nos é querida.”

Além de Charles Bally e Albert Sechehaye chamarem para si toda a responsabilidade quanto à organização e à escrita contida no Curso, bem como, evocarem as críticas, outros lingüistas estão atentos para esta necessidade, por exemplo Michel Arrivé quando diz: “Posso ter dito que Saussure não publicou o que escreveu (os Anagrammes e a Légende) e não escreveu o que foi publicado de sua autoria (o Curso).” Comparando Saussure e Lacan, Arrivé alega que : “ O essencial dos dois conjuntos textuais tem como traço comum uma origem oral. Sua edição levantou – e ainda levanta, para ambos, (...) problemas, debates e polêmicas. No mesmo passo encontro o pensamento de Lima (1971):

convém inicialmente recordar que o *Cours* não foi redigido pessoalmente pelo seu autor, mas sim por dois de seus ex-alunos, depois famosos lingüistas. Ch. Bally e Sechahaye, mediante o cotejo das notas de três cursos (1906-7, 1908-9, 1910-1). Ora o trabalho de retorno às fontes manuscritas, iniciado em 1957, por R. Godel (21) e prosseguido por este e J. Starobinski, te revelou discrepâncias não insignificantes entre a versão conhecida e as anotações pessoais do autor. Há dois anos atrás, em conferência pronunciada em Guanabara, R. Jakobson dizia que os discípulos se tinham comportado como copistas que substituíssem por ponto final o que vinha acompanhado de interrogação. As dúvidas de Saussure era artificialmente dissipadas, as discrepâncias sanadas. E, de acordo com a leitura do trabalho mais recente de Godel (22),

podemos ver alguma coisa mais grave: teria chegado mesmo a distorcer os verdadeiros ensinamentos que indicam suas notas manuscritas.

Feitas estas primeiras considerações sobre o CLG, passo então à reflexão sobre o signo: “Unidade lingüística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos.” p. 79. A unidade lingüística confere ao campo de estudos da língua a tão famosa cientificidade, mas as tantas reconstituições desta unidade geraram perspectivas díspares, assim vamos tentar retomá-la a fim de verificar a trilha percorrida.

Na Introdução, cap. III, objeto da linguística, § 1. A Língua: sua definição, o CLG reflete sobre a definição de língua, apresenta uma palavra: *nu* e discorre sobre as possibilidades de apreensão, compreensão, análise desta, informando que é o ponto de vista que cria o objeto, posteriormente apresenta as duas faces do fenômeno lingüístico:

1. As sílabas que se articulam são impressões acústicas percebidas pelo ouvido, mas os sons não existiriam sem os órgãos vocais; assim, um *n* existe somente pela correspondência desses dois aspectos. Não se pode reduzir então a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal; reciprocamente, não se podem definir os movimentos dos órgãos vocais se se fizer abstração da impressão acústica.

2. Mas admitamos que o som seja uma coisa simples: é ele quem faz a linguagem? Não, não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo. Surge daí uma nova e temível correspondência: o som, unidade complexa acústico-vocal, forma por sua vez, com a idéia, uma unidade complexa, fisiológica e mental.

Esse fenômeno lingüístico nada mais é que o signo lingüístico que aos poucos vai se configurando, vai tomando forma, surgindo ainda nesse capítulo a questão da convencionalidade do signo no dizer de Whitney: com o que concordam os organizadores do CLG “ o lingüista

norte-americano nos parece ter razão: a língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente.”

Signo por vezes é visto como parte integrante de um sistema, uma unidade, a sua aplicação se confunde, com apenas uma das partes deste signo que é composto por significante e significado, conforme verificaremos mais tarde. Confirmando a primeira noção temos no CLG a página 18 a seguinte definição “ A língua é constituída por um sistema de signos distintos correspondentes a idéias distintas “ Observa-se um certo descuido ou confusão dos organizadores do CLG no tocante ao uso da expressão signo, pois encontramos na página 21, uma acepção do termo que melhor estaria relacionada à significante. “... todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” Nesta última passagem creio que melhor seria se fosse empregado o termo significante, pois anteriormente temos a construção do conceito de uma unidade lingüística da qual uma das partes é o conceito que unida a uma outra parte, imagem acústica, e juntas irão compor a unidade – signo.

Em ocasião anterior o uso do termo signo equivale à grafia, ao sinal gráfico: que, em todos os casos de afasia ou agrafia, é atingida menos a faculdade de proferir estes ou aqueles sons ou de traçar estes ou aqueles signos que a de evocar por um instrumento, seja qual for, os signos duma linguagem regular... Existe uma faculdade mais geral, e que comanda os signos e que seria a faculdade lingüística por excelência.

Outra passagem importante na definição de signo é a que trata das partes do signo: Língua constitui-se um sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas. Ainda que psíquicos, o CLG esclarece que signos não são abstrações, são saberes tangíveis e passíveis de registro pela escrita. Uma parte do signo – a imagem acústica – pode ser traduzida por uma imagem visual constante. Nota-se aqui que, primeiramente, o CLG se refere ao signo em seu todo, para

posteriormente restringir essa percepção a uma parte do signo – à imagem acústica.

(...) cada imagem acústica não passa, conforme logo veremos, da soma dum número limitado de elementos ou fonemas, suscetíveis, por sua vez, de serem evocados por um número correspondente de signos na escrita.

O signo evoca, pela escrita, uma imagem visual que vem traduzir uma imagem acústica, material esse registrado em gramáticas, dicionários etc. É a possibilidade de fixação da língua.

Considerando que a língua é apenas um dos sistemas de signos que exprimem idéias, o curso delega a outra possível ciência o estudo deste sistema na vida social, antecipando seu nome, chamando-a de semiologia. À lingüística cabe estudar o mais importante desses sistemas de signo que é a língua, mas então o que vem a ser o signo lingüístico?

Há uma certa similaridade entre língua e signo quando para distinguir a língua entre outros sistemas de signos o curso diz que: “ele vê na língua somente uma nomenclatura (...) o que suprime toda pesquisa acerca de sua verdadeira natureza. Ora se a nomenclatura se materializa em sinais gráficos ou acústicos, o que temos aí será tão somente a percepção de uma das partes do signo, que é a imagem acústica, a qual, em que pese ser psíquica é perceptível. Não temos o signo no todo, não podemos ter a língua, então, tão mais compreensível se se substituíssemos língua por imagem visual, pois está é que o grande público apreende.

O curso segue apontando que a perspectiva psicológica se debruça sobre o mecanismo do signo no indivíduo, não alcançando a natureza do signo, pois permanece na execução individual. E, quando a perspectiva é social, negligenciam-se as características do sistema da língua em particular para analisar aquela característica que compõem os sistemas semiológicos em geral, mas que estão vinculados a outras instituições. Os autores do curso contestam tais posturas e referem que desta atitude não podem compartilhar, pois o estudo do signo é um

problema lingüístico, buscam então identificar o que este sistema primordial que é a língua guarda de similaridade com outros sistemas.

Seguindo-se a estas primeiras apresentações da forma como se apresenta a questão do signo no CLG, passo à releitura do capítulo destinado à desvendar os meandros da natureza do signo lingüístico, constante no capítulo I da primeira parte do CLG, denominado Natureza do signo lingüístico, originalmente A língua como sistema de signos: signo, significado, significante. Subdividido assim, deixa escapar a possibilidade elementos diversos e independentes, enquanto na verdade os dois últimos são constitutivos do primeiro..

Esse capítulo em que pese já ter sido analisado inúmeras vezes, por certo não se esgotou e muitas das tantas visitas, a ver pelos resultados, cederam a perspectivas dogmatizadoras, limitadas, perspectivas que não deixaram o texto falar, mas que falaram em nome dele, lhe atribuindo, talvez, o que ali não esteja. Ademais, conforme já salientado, o texto é a construção de dois lingüistas que não Saussure, ainda que atribuam a ele o conteúdo do CLG, então, culminam por prescrever máximas quiçá não previstas por aquele que denominam o fundador da lingüística enquanto ciência.

O capítulo inicia referindo que a língua guarda uma relação comum, mas muito arraigada de que serve para nomear, é uma nomenclatura, “uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas”, para, já ao início, não negar esta propriedade de nomear da língua, mas esclarecer que a “palavra” - aqui como unidade lingüística, é constituída de dois termos. Enfim o senso-comum tem a unidade lingüística – até aqui entenda-se como palavra, segundo o texto, no exato sentido de que ela efetivamente é, no entanto, não teoriza sobre isso. A palavra une dois termos e a lingüística, depreende-se do texto, pretende explicar esse processo.

Ao apresentar um desenho de uma árvore e a palavra *arbor* ao lado, bem como o desenho de um cavalo e a palavra *equos* ao lado, dificilmente escaparemos da construção de que a palavra tem um

referente no mundo e por tal razão ela é composta de duas partes, a coisa em si e seu nome. O desenho diz tudo, a imagem visual ali expressa fala por si, não há exposição teórica que, em um primeiro momento, dissolva tal constructo, adotado de pronto pelo iniciante no campo da lingüística. Assim, marcas teóricas equivocadas se arraigam, transformam-se em marcas, se não prejudicialmente indeléveis, bem próximas de. (ANEXO 1)

Passando o episódio do desenho o CLG refere que:

“ O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato.”.

Seguindo-se a essa explicação, nos deparamos com mais um desenho do que seja o signo informando que o signo lingüístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representada pela figura (ANEXO 2)

Ao desenho segue-se a seguinte explicação: “Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. Quer busquemos o sentido da palavra latina arbor, ou a palavra com que o latim designa o conceito “árvore”, está claro que somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conforme à realidade, e abandonamos toda e qualquer outra que se possa imaginar.” p. 80.

No entanto o desenho encontrado no CLG supra não encontra respaldo nos textos originais de Saussure, bem como a explicação, em nada contribui para elucidar a definição de signo. O desenho é inconveniente, chegando a ser nociva a sua inclusão no texto, pois tão somente reforça a perspectiva de que o som (elemento fonético) é uma das partes que constituem o signo e que esta guarda relação direta com

seu referente, sendo esta a relação a ser estudada, o que não é verídico.

Assim, instaurado o embaraço, por falta de ordem ou método, a explicação, acrescida do desenho não desfaz a construção anterior. Na ausência de clareza da definição supra, vai se reforçando uma aparência não condizente com a real proposta de Saussure, impressão esta reforçada pelo desenho posterior que colocado um ao lado do outro confirma, ratifica, a noção de que o tratamento dado ao signo, por Saussure tem relação direta com uma referência ao mundo, empírica, inclusive, o texto faz menção ao termo sensorial de sentir, sensação, experiência empírica.. Além do que os desenhos dispostos na forma proposta com uma barra dividindo as partes do signo (termo usado por falta de outro melhor – segundo os autores do CLG), imprime e convence que o signo, assim constituído - duas partes - guarda uma relação, mas também uma oposição entre as partes que o constituem. Enfim, a parte sensorial – comumente a única percebida pelo senso comum – denominada imagem acústica, depende da outra parte, o conceito, para juntas integrarem a totalidade do signo. Essa totalidade, decidem os autores do CLG denominar-se-á signo enquanto suas partes significado (conceito) e significante (imagem acústica).

O signo é composto por dois caracteres distintivos, dois princípios: arbitrariedade do signo e linearidade do significante, passando o texto a explicitá-los, neste mesmo capítulo I. E já ao início esclarecem que a união do significante com o significado é arbitrária, concluindo que o signo lingüístico é arbitrário, mas no que tange à sua constituição, não na relação usuário signo, ou seja, a arbitrariedade não se refere à escolha de um signo a bel prazer do falante.

Em relação à arbitrariedade este é um princípio complexo e polêmico, sendo, inclusive, comumente afirmado que Saussure não considerava finda suas reflexões, bem como, encerravam contradições, conforme afirma Lima (1971):

Um dos aspectos mais vulneráveis do Cours é apresentado por sua concepção do signo. O signo lingüístico é aí definido pela obediência a dois princípios: o da arbitrariedade e o da linearidade. Arbitrário ou imotivado porque não se verifica relação intrínseca alguma entre a representação verbal de algo e o objeto concreto que nele se representa. Tanto isso é verdade, acrescenta o Cours, que o mesmo conceito recebe, em princípio, tantas formulações quantos sejam os sistemas.

No entanto, encontramos dois elementos que, em princípio, não seriam de Saussure, a questão da referência ao mundo, uma vez que Saussure abdica da referência externa, o signo saussuriano não necessita de um correspondente externo para sua existência, diferentemente, por exemplo do signo em Frege que se une diretamente ao referente do mundo.

Benveniste faz uma crítica a essa arbitrariedade prevista pelo Curso de Lingüística Geral:

Decidir que o signo lingüístico é arbitrário porque o mesmo animal se chama boi num país, Ochs noutra, equivale a dizer que a noção do luto é “arbitrária” porque tem por símbolo o preto na Europa, o branco na China. Arbitrária sim, mas somente sob o olhar impassível de Sirius ou para aquele que se limita a comprovar, de fora, a ligação estabelecida entre uma realidade objetiva e um comportamento humano e se condena, assim a não ver aí senão contingência. (...) Assim quanto ao signo lingüístico. Um dos componentes do signo, a imagem acústica, constitui o seu significante; a outra, o conceito, é o seu significado. Entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário é *necessário*.

Observa-se que a noção de signo que acompanhou a perspectiva estruturalista encontra-se em acordo com a percepção de sistema e estrutura, oferece o signo representando o centro de que fala Derrida, o signo estrutura a língua, é em torno dele, deste centro que a estrutura se realiza.

Mas Benveniste não vê nessa unidade do signo a possibilidade de considerá-la um princípio de análise pois não alcança todos os níveis passíveis de análise na língua:

Haverá por que perguntarmos, principalmente, se a noção de signo pode valer como princípio de análise em todos os níveis. Assinalamos noutro passo que a frase como tal não admite a segmentação em unidades do tipo do signo.

CAPITULO II

OS FUNDAMENTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS QUE POSSIBILITARAM O SURGIMENTO DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO

A história do Ocidente é a história da concorrência entre a ordem do Dois e do Três. Dufour

A história da ciência nos mostra que não só com experiências, métodos e obediência cega aos procedimentos se realizam os grandes movimentos de ruptura e inovação. Há um distanciamento entre as “grandes descobertas” da humanidade e o empirismo puro. Superada esta fase do encantamento com a estrutura, surgem os neo-modernistas, os neo-positivistas os neo-estruturalistas, se apercebem de que nem tudo é experiência, uma vez que, não raro, na ânsia de eliminação completa da metafísica se deparam com algo que lhes escapa, que é metafísico, necessitando novamente de um exercício de eliminação dessas dificuldades, dessas anomalias.

Despontam possibilidades, por exemplo surgem as soluções Carnapianas: possibilidade de um convencionalismo, o “princípio da tolerância”, este último a meu ver corrobora a impossibilidade de enxergarmos o mundo apenas pela ótica da experiência, a subjetividade não pode ser controlada, muito menos a intersubjetividade, um *a priori* será sempre um *a priori* ou platônico ou kantiano, *mas* independente da experiência, é anterior à experiência, é metafísico, assim é a língua, metafísica. Entretanto, antes de se dobrar ao que lhe escapava, Carnap

sustentava a intenção de eliminação do que fosse metafísico, pensamento este evidenciado por Mourant *apud* Malagarriga (1963):

Mourant sintetiza o Empirismo-lógico de Carnap da seguinte maneira: “Elaborou teorias extremas sobre confirmabilidade e critérios da significação, concluindo daí a rejeição da Metafísica e da Moral sob o pretexto de que tratam de problemas absurdos porque fogem aos métodos do processo científico, isto é, não são problemas de fatos e suas proposições não podem verificar-se teórica nem praticamente. Identificou a Filosofia com a Lógica, cujo papel fundamental deve consistir na elaboração de uma série de regras destinadas à verificação do sentido das proposições, e a Lógica fica reduzida à Lógica das ciências.

No entanto, a sede de fazer ciência dentro dos padrões positivistas, empiristas, cega o próprio cientista, que se inibe, limitando assim a criatividade e possibilidades de novas descobertas, muitas vezes na ânsia de ser aceito pela comunidade científica, ou por medo de rejeição.

Neste capítulo proponho uma reflexão, sobre a presença da trindade no pensamento binário, sobre o fazer científico e a prisão na qual encontram-se a maior parte dos cientistas e questões outras que tornaram possível uma outra forma de pensarmos a língua.

2.1 BINARIDADES E TRINDADES NA CIÊNCIA LINGUÍSTICA

A elaboração do pensamento na forma binária e trinitária já mencionada anteriormente decorre das reflexões do filósofo Dany-Robert Dufour (2000): de súbito, ouvi-me dizer: “Nossas ciências da linguagem estão estruturadas como o mistério da Santíssima Trindade”. Os mistérios do uno, do binário e da trindade são frutos das angústias filosóficas, epistemológicas, causadas pela falta que a ciência não consegue preencher.

Com uma proposta de repensar a ciência e restaurar a unidade do pensamento trinitário, Dufour se inscreve entre os tantos pensadores

aflitos por uma ruptura, e a sua busca é de promover mudanças na elaboração do pensamento científico, fornecendo com a teoria da trindade os fundamentos para tanto, esclarece que, apesar de ser interno ao pensamento técnico-científico, o pensamento trinitário é o novo saber revelado. Ainda que o termo revelado sugira alusão á religiosidade, não é dessa perspectiva que fala o filósofo Dufour (2000):

Por trinitário, entendo uma definição da palavra, do Verbo, implicando um conjunto de três termos, irreduzível às relações habituais de dois termos utilizadas pela razão para abrir seus caminhos: sob qualquer luz que se a examine, num momento ou noutro, a palavra revela possuir a propriedade de “três em um”, ou propriedade “trina”

Ser trinitário para Dufour é fugir às binariedades necessárias, mas tanto limitadoras é proporcionar novas possibilidades, na verdade é uma luta contra o pensamento positivista que restringe o conhecimento ao âmbito da ciência e que prioriza o sistema, o método. Em reflexão conforme a este pensamento encontrei Edgar Morin (1990) quando este se refere à patologia do saber e à inteligência cega:

Vivemos sob o império dos princípios de disjunção, de redução, e de abstração, cujo conjunto constitui o que eu chamo o “paradigma da simplificação”. Descartes formulou este paradigma mestre do Ocidente, ao separa o sujeito pensante (Ego cogitans) e a coisa extensa (res extensa), quer dizer filosofia e ciência, e ao colocar como principio de verdade as ideias “claras” e distintas”, ou seja, o próprio pensamento disjuntivo. Este paradigma, que controla a aventura do pensamento ocidental desde o século XVII, permitiu sem dúvida os grandes progressos do conhecimento científico e da reflexão filosófica; as suas consequências nocivas últimas só começam a revelar-se no século XX.

Em que pese a inovação do título estruturalismo, desde os primórdios das preocupações concernentes á linguagem aos dias de hoje, marcham concomitantemente tanto a binariedade gramatical quanto a trindade, desde os gregos se entremeiam as perspectivas sistemáticas/

não-sistemáticas, concorrem tanto uma visão simplificadora criticada por Morin, quanto o esforço de abarcar o complexo. Em concordância com este pensamento reflete Lima (1971):

E se a estrutura binária, descoberta por Port-Royal, implicava em romper-se a relação entre palavra e coisa, e a estrutura trinária da Renascença implicava em admiti-las, Saussure concilia o binário com o caráter substancialista, porque acredita falar das coisas.

Observo que no texto do CLG encontra-se explicitada uma certa conjectura de que a linguística trata de algo que não é passível de divorciar-se totalmente de elementos outros, descortinando-se um objeto límpido, nítido, pois a língua está mais para translúcida, deixa que por ela passe a luz da compreensão, enquanto uso, mas não permite que lhe penetre a luz da cientificidade, do entendimento por inteiro, sempre será fugaz, efêmera qualquer tentativa de apreensão desta. Por tais razões devemos aceitar que esta se alia a elementos exteriores, que de nada vale excluirmos o que lhe é constitutivo, o homem, a sociedade, a cultura, elementos psicológicos, entre outros. Vejamos o que diz o CLG (1998):

A Linguística tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados. Os limites que a separam das outras ciências não aparecem sempre nitidamente. Por exemplo, a Linguística deve ser cuidadosamente distinguida da Etnografia e da Pré-história, onde a língua não intervém senão a título de documento; distingue-se também da Antropologia, que estuda o homem somente do ponto de vista da espécie, enquanto a linguagem é um fato social. Dever-se-ia, então, incorporá-la à Sociologia? Que relações existem entre a Linguística e a Psicologia Social? Na realidade, tudo é psicológico na língua, inclusive suas manifestações materiais e mecânicas, como a troca de sons; e já que a Linguística fornece à psicologia social tão preciosos dados, não faria um todo com ela?

O estruturalismo não é apenas fruto de um pensamento binário é a binariedade em grau máximo, em seu potencial mais elevado. Observemos esta passagem significativa quando Benveniste se refere às preocupações saussurianas em relação ao fazer linguístico, à prática, alertando para o que Saussure apresentou de mais significativo em sua teoria e que deve ser considerado pelo linguista, leia-se binariedades, texto presente em PLG I (1995):

Queria fazer compreender o erro em que se envolveu a linguística desde que estuda a linguagem como uma coisa, como um organismo vivo ou como matéria que se analisa por uma técnica instrumental, ou ainda como uma criação livre e incessante da imaginação humana. É preciso voltar aos fundamentos, descobrir esse objeto que é a linguagem, a que nada pode ser comparado. Que é, então, esse objeto, que Saussure erige sobre uma tábua rasa de todas as noções recebidas? Tocamos aqui no que há de primordial da doutrina saussuriana, num princípio que presume uma intuição total da linguagem, total ao mesmo tempo porquê contém o conjunto da sua teoria, e porque abarca a totalidade do seu objeto. Esse princípio é que a linguagem, como quer que se estude, é sempre um objeto duplo formado de duas partes cada uma das quais não tem valor a não ser pela outra. Ai está, parece-me, o centro da doutrina (...) Realmente, tudo na linguagem tem de ser definido em termos duplos; tudo traz a marca e o selo da dualidade opositiva: (grifo meu)

Benveniste segue apresentado as tão famosas dicotomias saussurianas, as ditas dualidades, acrescentando que o valor de cada elemento se constituirá tão somente quando na oposição entre tais elementos.

Seguindo então no que se refere presença da trindade na binariedade observo que Saussure o grande nome do estruturalismo e, por consequência, do pensamento binário, sofreu esta presença, binário de dia e trinitário à noite, padeceu, mas não resignado, com o dilema posto, conforme salienta Dufour:

este homem foi a sede de uma luta entre ordens de pensamento irreduzíveis umas às outras . A “anomalia” destacada por Benveniste no raciocínio de um pensador escrupuloso como Saussure é rica de ensinamentos. É possível que ela remeta à natureza geral do “pensamento histórico e relativista do fim do século XIX”, mas isto é muito amplo. De fato a “anomalia” me parece, muito precisamente, revelar a natureza profunda desse “drama”: para desenvolver uma ciência binária, Saussure precisou subtrair dela o “terceiro termo”. Esta expulsão voluntária da forma trina é, parece-me, tanto a origem quanto a expressão desse drama. Pode-se imaginar que se Saussure não soubesse o que estava fazendo, teria estado mais livre para expor a binariedade e constituir a nova ciência da linguagem. Mas conhecer a impossibilidade e a necessidade desse gesto de exclusão institui num ato de pensamento uma dúvida tenaz e paralisante.

Seguindo no caminho das binariedades e trindades, observa-se que nos estudos referentes à linguagem e à língua que a Filologia da antiguidade e seu amor ao texto que nos aproxima de um pensamento trinitário muito mais complexo que as simples binariedades gramaticais, pensamento este que se recusa a ver apenas opostos na língua, pois trata o texto em sua integralidade abarcando elementos outros que não somente os gramaticais, esta forma ampla de trato com o texto foi se esvaindo, se dividindo e chegamos nas ciências lingüística, nas teorias literárias, enfim na especificação, na delimitação no império da binariedade.

Na arte da retórica, da língua em uso, ainda que haja a pretensão de um domínio, seja no campo do discurso jurídico, ou político, não há uma preocupação com restrições, conforme a própria denominação é uma arte, está muito menos sujeita aos cientificismos, é um campo no qual as binariedades não encontram alento, é a arte do convencimento pelo trabalho do orador no preparo adequado do texto e da sua elocução. Em consonância com Dufour (2000):

o locutor dispõe dos três termos, “eu”, “tu” e “ele”, que conformam instantaneamente o seu espaço simbólico, pessoal e social. Todas as conversações mantidas pelos

homens desde a noite dos tempos se desenvolvem em um espaço mínimo, sustentando pelos três termos que existem em todas as línguas, sob uma forma ou outra. Esses termos são anteriores a toda demonstração. Não obedecem à condição de verdade. Ninguém jamais precisará se justificar quanto ao seu uso : eles são nosso bem inalienável, nosso bem comum, nossa única verdadeira democracia. Eles estão aí, em nosso uso mais incontrolado da linguagem,. Este dado, ao mesmo tempo trivial e fundamental, determina a condição do homem na língua e tudo o que se pode dizer sobre isso. “Eu, tu, ele” formam essa trindade espontânea, absolutamente imanente ao uso da linguagem.

Já na poética encontramos o trabalho, originado em Aristóteles, voltado para compreensão dos meandros da literatura: poesia e tragédia. Em que pese estarem estes dois últimos campos da retórica e da poética, menos suscetíveis à submissão binária, o próprio movimento de divisão, efetuado pelas obras Retórica e Poética de Aristóteles representa uma direção, qual seja, das binariedades, pois é este movimento de levar a efeito uma especificação o germe do pensamento binário.

Com o seguimento natural de particularização do conhecimento, com o empenho na explicação pormenorizada predomina uma postura “dualista e hierarquizante” delatada por Derrida, binária na concepção de Dufour. A base de estudos sobre a língua inscrita nas concepções ou divisões em fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, é um pensamento sistemático em processamento, é a segurança desta apreensão tão necessária. Inclusive afirma Chomsky (1971):

Se se entender por estrutura toda organização regular, a pesquisa das estruturas linguísticas é tão velha quanto o estudo das línguas. Desde que estas se tornaram objetos de descrição, desde que os gramáticos cuidaram de desmontar o instrumento lingüístico – a fim de ensinar melhor a utilizá-lo – percebeu-se que cada uma delas possui uma organização. Logrou-se mediante as inexactidões que a vontade de ser sistemático parece sempre autorizar , classificar-lhes as unidades em categorias.

Falando em Chomsky, observamos que a lingüística gerativista sofreu aparentemente da contradição presente em Saussure, visto que na

fundamentação teórica o gerativismo negava o empirismo, o behaviorismo, considerado também contrário ao estruturalismo por aliar-se ao humanismo e privilegiar a criatividade em detrimento da noção de sistema, mas alia-se perfeitamente ao paradigma ora criticado, pois a teoria chomskiana não pode negar uma proximidade ou até continuidade com o estruturalismo, em acordo com Dosse (1992):

Nesse meio tempo, a introdução do chomskismo na França passa, portanto, por Nicolas Ruwet, para quem a retratação é completa em relação ao período precedente. (...) Ruwet vê em Chomsky a possibilidade de trabalhar na sintaxe abandonada até então por Saussure e Jakobson. Se existe, entretanto, continuidade entre o estruturalismo chomskismo em sua busca comum de maior cientificidade, a vantagem do gerativismo, segundo Ruwet, reside na sua concepção popperiana da ciência como falsificável. (...) O gerativismo estabelece a exigência de uma teoria explícita, precisa, que funcione à maneira de um algoritmo cujas operações podem aplicar-se mecanicamente.

Podemos falar ainda da Estilística, estudos estes empreendidos por Charles Bally no qual dialogam as ditas binariedades e trindades, o simples e o complexo. Bally estudioso que se desenvolveu em meio ao pensamento estrutural roga para si a pretensão de incluir em seus estudos elementos renegados por Saussure, faz presença aqui também o paradigma das dualidades, quando Bally propõe a divisão de seus estudos entre o que é externo e interno. No entanto, é visível a sua filiação a uma outra fase dos estudos sobre a língua, observa-se claramente que Bally já está comprometido com um algo mais, talvez com os princípios fundamentais da teoria da enunciação.

As bases estruturalistas, presentes na corrente positivista, que privilegiam as relações que estão presas aos princípios e métodos científicos, que desvalorizam o externo e outras possibilidades de análise, que fortalecem um comportamento lingüístico de esmiuçar os fatos da língua, tão somente para reger o uso, vislumbrando nesta não mais do que um grande sistema, a meu ver não encontram mais espaço na ciência, ou ao menos não predomina, conquanto esteja consolidada a sua

necessidade em diversos estudos e que sua aplicabilidade seja útil, não exclui o fato de que, mesmo necessárias, não são mais suficientes.

O pensamento estrutural, que rechaçou a filosofia descontenta àqueles cientistas que não encontram mais com essa prática respostas para suas angustias lingüísticas, não estão mais de acordo com os fundamentos epistemológicos estruturalistas, pois não atendem as demandas sobre seu objeto. Conseqüentemente o retorno à filosofia se impõem, no próprio âmago do estruturalismo, conforme indica Dosse (2007):

O estruturalismo foi uma tentativa da emancipação em relação à filosofia, cujo fim próximo ele não se cansava de apregoar em nome da Ciência, da Teoria. Ora, com refluxo do estruturalismo, a filosofia, que se acreditava ter sido destituída, reencontra o seu anterior lugar central.

2.2 A PRÁTICA CIENTÍFICA E AS DIFICULDADES DE MUDANÇA

Há uma preocupação constante com a *práxis* científica e não é diferente no campo da lingüística, da filosofia da linguagem. Especificamente no modelo ora debatido, estruturalismo, as tantas delimitações e limitações exigidas, culminaram em exclusões significativas, as quais foram resgatadas a contento, passada a tirania da estrutura. Essa postura de submissão experimentada com muita intensidade pelos estruturalistas, não é exclusiva do período estrutural, é resultado de uma necessidade da própria ciência, ocorrendo com mais ou menos gravidade, dependendo diretamente da força do paradigma ao qual a época esta atrelada, mas é considerada um processo natural.

No entanto, há sempre a possibilidade contra-cultural, caminhando o cientista na contramão de seus pares. No âmbito da ciência da língua,

fatores externos foram determinantes na quase inflexibilidade vivenciada pela maioria dos seus cientistas. Enquanto uns se deslumbravam com a possibilidade de pertencimento a um grupo seletivo, elitizado, com autoridade e domínio sobre seu “objeto”, outros, também cientistas da língua, tecem preocupações em relação ao fazer científico dogmático. Coracini 2003 reflete esta preocupação quando questiona se o sujeito cientista está em relação ao fazer científico, para uma expressão de liberdade ou para uma submissão:

“Do ponto de vista epistemológico, interessa lembrar o significado que assume comumente a figura do cientista e que está por detrás da própria concepção de ciência: ser mítico que se impõe por sua tarefa de buscar a “verdade objetiva” a respeito da realidade que o cerca “descobri-la” ou dela se aproximar.” P. 19

Seguindo no raciocínio reflexivo sobre a prática científica a autora apresenta as orientações de Popper e Kuhn, o primeiro completamente em consonância com Kant que entende a teorização como única forma verdadeira de fazermos ciência, em prol da dedução e em total detrimento do que seja subjetivo ou indutivo. Interessantíssima a reflexão que se segue, fazendo um contraponto entre o cientista puro e o cientista aplicado, resumidamente, estando este último voltado à resolução de problemas no âmbito de suas pesquisas, não atribuindo preocupação ou responsabilidade ao que seja externo destas, não lhe cabendo a contestação ou insubordinação aos paradigmas.

Aos cientistas aplicados Coracini atribui uma “visão mítica de cientista racional, impessoal, objetivo, capaz de criar, como por magia ou gênio, teorias altamente explanatórias tendendo ao universal.” Nós os linguistas devemos provavelmente a esta última orientação, os brilhantes, mas de eficácia duvidosa, resultados práticos obtidos, por exemplo, da gramática gerativista, para não lembrarmos, por ora, outras orientações lingüísticas que seguem com os mesmos preceitos científicos, preocupações, métodos e abordagens.

Já os cientistas puros aos quais resta delegada a função da inovação, da ruptura, cientistas sim, teóricos sim, mas também filósofos no seu fazer científico, estes, buscam uma prática mais voltada para a complexidade do seu objeto, uma ação não simplificadora, conforme observa Edgar Morin:

Também o conhecimento científico foi durante muito tempo e permanece ainda freqüentemente concebido como tendo por missão dissipar a aparente complexidade dos fenômenos a fim de revelar a ordem simples a que obedecem. Mas se constatar que os modos simplificadoros do conhecimento mutilam mais do que exprimem as realidades ou os fenômenos que relatam, se se tornar evidente que produzem mais confusão que esclarecimento, então surge o problema: como encarar a complexidade de maneira não simplificadora ?

A hegemonia de paradigmas científicos determina métodos, procedimento, comportamentos, enfim, oferece uma “matriz disciplinar”, padronizando a práxis em acordo com Kuhn *apud* Chalmers, mas também gera, ainda que no coração deste mesmo processo, mas na contramão, a busca por possibilidades de um fazer ciência diferenciado, interpelando sobre questões epistemológicas, sobre a eficácia dos resultados, sobre os métodos empregados. É o fazer ciência crítico, não cego, não dogmático.

Em especial a ciência lingüística não pode se valer de paradigmas embotados, não é todo objeto de estudo que se rende aos padrões de análise. A língua resiste a este tratamento, reclama um tratamento diferenciado, ainda que o grande paradigma newtoniano do séc. XIX: “ Todo o mundo físico deve ser explicado como um sistema mecânico que opera sob a influência de várias formas...”, tenha sobremaneira sustentado comportamentos lingüísticos quase bizarros. A língua não é um sistema mecânico, ainda que opere sim sob influência de várias formas.

Avançar fazendo ciência nos moldes tradicionais, propondo clareza, rigidez, primazia da indução, enfim o logocentrismo, o

empirismo, o positivismo e outros tantos ismos, pragmatismos, apenas nos traz a ilusão de domínio, de certezas, de progresso e evolução, seguindo este pensamento Edgar Morin questiona:

A ciência impõem cada vez mais os métodos de verificação empírica e lógica. As luzes da Razão parecem rejeitar nos antros do espírito mitos e trevas. E, no entanto, por toda a parte, o erro, a ignorância, a cegueira, progredem ao mesmo tempo que os nossos conhecimentos. É-nos necessária uma tomada de consciência radical

Retomo aqui o pensamento de Feyerabend (1991) quando este apresenta uma crítica à prática científica e até filosófica quando estes diante de divergências, diversidades, se movimentam no sentido de elaborar tais incompatibilidades, gerando um sistema e resolvendo as questões, buscando sempre uma certa unicidade racional. Entende Feyerabend que esta tentativa de racionalização, objetivação, unicidade, não se apresenta saudável, se não para o aparente “progresso científico”, diz que:

a teoria é superficial posto que pretende sem sucesso substituir “o rico complexo de idéias, percepções, ações, atitudes e gestos, ao mais fugaz sorriso do mais minúsculo bebê” desconsiderando assim toda a riqueza e os profundos problemas epistemológicos da natureza humana e confrontados que são com essa natureza preferem a forma mais racional, “a forma do séc. XX”.

Para Feyerabend (1991) a abordagem teórica é preconceituosa, ignorante, superficial, resta incompleta e é desonesta. Vejamos por quais razões: o preconceito decorre da desconsideração ao que não seja considerado científico, atribui-se autoridade apenas a quem é “da ciência”; a ignorância já citada nesta exposição diz respeito a uma supervalorização do pensamento científico em detrimento de outras formas, quais sejam: mitologia, misticismo, intuições etc.; a

superficialidade está na vã tentativa de apreensão de uma natureza complexa, a incompletude fica por conta da insuficiência da aplicabilidade que resta desonesta uma vez que a perspectiva é de aplicação de um cientificismo, mas o qual se observarmos nem ao próprio cientista se aplica, daí decorre a desonestidade, pois elaboram teorias de aprisionamento, de limitação, de racionalidade e de objetividade extrema, enquanto sabedores, tais cientistas, da, se não total ineficácia, mas retrocesso que este viés pode levar a humanidade.

A reflexão de Dufour no que diz respeito ao predomínio das binariedades também converge com a perspectiva de Paul Feyerabend (1991) no que este alude sobre as questões da ciência e seu comportamento autoritário, no intento sempre de alcançar resultados por meio de “regras bem definidas e de aceitação lógica”. Interessantíssima a reflexão de Feyerabend, quando este afirma que:

As diferentes estruturas de referência mitológica, intuitiva, mística ou transcendental não são apenas castelos no ar; cumpriram o que prometeram; garantiram a sobrevivência material e a realização espiritual nas circunstâncias mais adversas. Os mensageiros do progresso e da civilização destruíram aquilo que não haviam criado e ridicularizaram o que não entendiam. Seria tacanho presumir que são agora os únicos detentores da solução para a sobrevivência.

Encontrei também no “rastros” do teórico Derrida e sua complexa teoria da desconstrução fundamentos para este projeto de pesquisa, digo projeto por estar na forma de um devir, não é apenas está. Vejamos então a contribuição dos textos Derridianos para a releitura de Benveniste. Primeiramente a minha construção de análise é simpática à proposta derridiana uma vez que este propõe guerra aos “ismos”, denuncia o logocentrismo, o fonocentrismo, diz que não há centrismo na desconstrução, seja de que ordem for. Ademais propõe que “só se desconstrói o que se ama”. Além do que a proposta derridiana oferece a possibilidade de uma outra metafísica que não a tradicional composta por

dualidades, esta é a metafísica criticada por Derrida.

O pensamento derridiano apresenta uma “vontade de uno” e a meu ver tal proposta se assemelha muito ao pensamento de Dyfour, quando este também declara total oposição à supremacia das binariedades e a um sistema de pensamento sempre voltado para uma tendência hierarquizante de oposições. Já Derrida propõe, com sua teoria desconstrutivista, a possibilidade de crítica sobre esse mesmo pensamento e não simplesmente a substituição de um conjunto de binariedades por outro, não com o intuito de promover tão somente um desmantelamento de toda uma forma de pensar que caracteriza a metafísica tradicional ocidental, mas com a possibilidade de crítica sobre esse mesmo pensamento, evitando também apenas a simples substituição de um conjunto de binariedades por outro.

No que tange ao campo de estudos da língua, ainda que de relevante importância as pesquisas empreendidas pelos linguistas, num âmbito mais abrangente, não podemos deixar de constatar que o comportamento científico comum de um cientista aplicado, serve muito mais a propósitos ingênuos e egoístas, são ineficazes e prestam um grande desserviço à linguística enquanto ciência. Há uma carência de compreensão de fatos que estão muito aquém das garras rígidas deste fazer ciência até aqui criticado.

Em se tratando de linguística esta perspectiva muito mais malefícios trouxe do que efetivos benefícios aos usuários da língua, uma vez que a busca desenfreada por enclausurarmos este dito “sistema” negligenciou no que esta capacidade apresenta de mais natural - a beleza do seu funcionamento.

O fazer ciência encontra-se envolto por uma carapaça mística, quase mítica, ainda que seja ciência está, por vezes, abrigado por uma notoriedade quase dogmática. Há uma convicção arraigada no fato de que sendo ciência, é incontestável, percebemos e convivemos com ditames sentenciosos, sem oportunidades de contestação.

No entanto, existem as mentes “perniciosas” e estas não se

entregam aos ditames da ciência sem certa revolta, sem questionamentos e reflexões acerca não da “veracidade” dos resultados científicos, mas do próprio fazer ciência. Os empíricos e seus procedimentos lógicos seriam tão confiáveis assim? As dúvidas e questionamentos se dirigem principalmente às questões não propriamente do mundo físico, mas às questões que não comportam inferências induzidas tão somente pela observação e funcionamento de algo que tentamos em nome da ciência enquadrar em um sistema, na presente reflexão o dito “sistema da língua”. Terá a ciência método capaz de desvendar os mistérios da língua, uma vez que refutam completamente o que seja obscuro ou profundo, afirmando os neopositivistas que “na ciência não existem profundidades, tudo é superfície”.

Crises na ciência geralmente não são bem aceitas, devem ser evitadas em nome dos grandes paradigmas, em consonância com Chalmers (1993):

Um cientista normal não deve ser crítico do paradigma em que trabalha. Somente assim ele será capaz de concentrar seus esforços na articulação detalhada do paradigma e de fazer o trabalho esotérico que é necessário para sondar a natureza em profundidade. (...) O cientista normal trabalha confiantemente dentro de uma área bem definida ditada por um paradigma. O paradigma lhe apresenta um conjunto de problemas definidos justamente com os métodos que acredita serem adequados para a sua solução. Caso ele culpe o paradigma por qualquer fracasso em resolver um problema, estará aberto às mesmas acusações de um carpinteiro que culpe suas ferramentas.

Contudo cientistas são seres pensantes, reflexivos, questionadores, alguns são também filósofos. Ademais, os erros científicos podem exercer até uma significativa ruptura, seguindo no pensamento de Chalmers (1993), com as crises instaura-se a possibilidade de mudança:

No entanto, fracassos serão encontrados e podem, eventualmente atingir um grau de seriedade que constitua uma crise séria para o paradigma e que possa conduzir à rejeição de um paradigma e sua substituição por uma alternativa incompatível.

Ao meu ver, advém de um comportamento naturalmente humano, a curiosidade, a crítica, que possibilitam rupturas, novos paradigmas, uma vez que a ciência se mostra incapaz de atender a todas as angústias da humanidade, conforme evidenciado por Vasconcellos (2009):

Inúmeras outras práticas que se propõem – geralmente consideradas alternativas, por serem bem menos vinculadas à ciência – também são justificadas pela necessidade de novos paradigmas, em virtude da incapacidade da ciência para responder às novas necessidades do homem contemporâneo.

Em se tratando de ciência linguística, esta não pode se restringir a um padrão científico tradicional empirista de observações sobre “seu sistema – a língua” e inferências lógicas a partir daí obtidas, às quais culminam em teorias linguísticas e procedimentos padrões, em regras e ditames sobre a língua, encarcerando-a como se isto fosse uma hipótese plausível, não podem ser tão facilmente aceitáveis assim. Em que pese existir certa “aplicabilidade”, neste enquadramento, ainda que não seja de todo perdido em uma maior amplitude de análise, este método científico não atende de forma satisfatória as reflexões referentes a esta capacidade humana.

Então, valendo-me das reflexões até então aqui apresentadas, mais que pressupor, posso afirmar, que Benveniste faz ciência com um olhar da trindade, com uma perspectiva desconstrutivista, considerando a trama do complexo e o complexo dessa trama da língua, o que no campo da linguística podemos traduzir por um pensamento enunciativo, vou relendo Benveniste, ainda que de forma incipiente, não para desvendar mistérios, mas apenas para deixar o texto falar.

2.3 NOVAS DEMANDAS DA CIÊNCIA LINGUISTICA

Analisando o megaparadigma estruturalista, observa-se também que nele estão contidas e predominam binariedades, denunciadas por Dufour, Derrida, Morin, no pensamento e a vã tentativa de cerceamento das palavras de aprisionamento do termo em significados únicos ou que atendam, se adaptem, confirme pressuposições, depurem a língua, com o que concordam .Marcuschi e Salomão:

Quando Frege, Freud, Weber, Saussure, Russel e Wittgenstein, entre tantos outros, lançaram os fundamentos que seriam a mola propulsora de uma vasta rede de projetos científicos levados a cabo ao longo do séc. XX, ainda não era possível antever o que aconteceria. Mas hoje sabemos que nos últimos 100 anos a herança metafísica essencialista e formalista triunfou não necessariamente para o bem da humanidade. "...Parece que o século XX, pelo menos na Lingüística, teve um efeito grandemente higienizador, na forja de uma metáfora sanitaria. Há um certo pudor no envolvimento com um mar de dados, instalando-se a consciência da relevância, da explicação e dos princípios gerais.

Mas, desde os primórdios o claro e o escuro caminham juntos, ainda que em franco desnível, não somente no campo da ciência lingüística, ambas as possibilidades, da binariedade e da trinariedade, da cultura e da contracultura, do uno e do múltiplo, do simples e do complexo, mas a trindade está aí, em acordo com Dufour (2000):

Fazer a genealogia da trindade, é ao mesmo tempo, lançar um olhar novo sobre a história do pensamento ocidental: falar da trindade é formular a especificidade de dois pensamentos na história do pensamento ocidental e falar da relação destes como uma luta que se estende por mais de dois milénios entre a trindade e a binariedade.

Caminha juntamente com a supremacia positivista a resistência a toda investida no sentido de anulação do mistério da vida. Contrariando

Wittgenstein afirmo que o enigma existe sim e a língua é o enigma. Esta existência concomitante possibilita a reformulação, a quebra ou ainda uma evolução de paradigmas, conforme a perspectiva a qual nos filiamos.

Deparei-me com alguns lingüistas que também coadunam com a proposta derridiana, por exemplo, Coracini:

É contra essa tendência à homogeneização, imutabilidade, presença e consciência, contra essa tendência à universalização, a sentido único, estável, pleno e primeiro (visão imanentista e logocentrica) que se posicionou Derrida com sua desconstrução.

No âmbito específico da linguística existem brilhantes lingüistas nos moldes que prega Feyerabend (1991):

Felizmente que há agora cientistas que, norteados por um profundo respeito por toda a existência humana descobriram a força inerente das idéias “primitivas” e “instituições” arcaicas e procederam a mudança adequada das duas opiniões sobre o conhecimento. Na sua perspectiva, a investigação não constitui privilégio de grupos especiais e o conhecimento (científico) não é uma medida universal da excelência humana.

Tais cientistas da língua, os quais ainda que inseridos neste mar científico, direcionam seus questionamentos e reflexões para o externo, literalmente respiram outros ares, e fazem a “roda da lingüística”, girar fora da opressão científica padronizada, simplória, mas dominadora. Por óbvio existem aqueles que se dizem libertos e pregam perspectivas “aparentemente” inovadoras, mas a máscara cai tão logo olhos mais atentos observem a intenção de aprisionamento.

Ademais a binariedade encontra-se no seio da trindade e na língua, podemos considerar que a necessidade de um pensamento dualista, embalado pela era estruturalista gerou a revolução posterior, e um retorno ao trinitário.

Conforme evidenciado em capítulos anteriores, a condição da

ciência no período que precede o estruturalismo e durante este, apresentava uma proposta de exclusão da metafísica. No entanto, a metafísica encontra-se presente nos fundamentos desta mesma escolha, não sendo diferente com Saussure, em acordo com Bouquet (2004):

A origem principal, propriamente metafísica, da metafísica saussuriana do signo linguístico foi mencionada dois capítulos atrás, trata-se em linhas gerais, do empirismo semiótico procedente da filosofia cartesiana da linguagem -a de Port-Royal – que se prolonga, no século XVIII e começo do século XIX, em Leibniz, nos enciclopedistas e ideólogos. A essa linhagem filosófica pode ser dado o nome de metafísica semiótica, inspirado na invenção terminológica de Locke. Uma tal metafísica procede, particularmente, da descontinuidade ontológica estabelecida por Descartes entre o sujeito e o objeto de conhecimento – filosofia que poder ser qualificada de maneira moderna, escreve Sylvain Aurox, quando se considera que “com ela o espírito cessa de funcionar de maneira analógica: a representação se torna puramente digital”. A consequência dessa revolução filosófica é, no plano, da linguagem, a possibilidade de conceber o “próprio pensamento [como] um signo de natureza igual a do som linguístico, ou seja, um signo arbitrário.

Este movimento não é novo, conforme Dufour mesmo aponta, pois verifico ocorre desde os Estóicos, tais filósofos, em que pesem seu determinismo declarado propõem para sua divisão filosófica uma trindade: lógica, ética e física, não estou aqui ingenuamente vendo a trindade em todo trio, feio trocadilho, mas com uma leitura, ainda que superficial das divisões estóicas e a verificação a que cada subpartição corresponde, constato a presença da metafísica, da qual tanto fugiam, no interior mesmo da física estóica e, salvo melhor juízo a orientação para uma unidade, aliás é perceptível a crença em uma unidade, quando distinguem “todo” de “totalidade”.

Então, o movimento binário – trinitário, bem como, questões metafísicas efetivamente já estavam presente desde a antiguidade e seguem se desenvolvendo hoje no comportamento científico, com predominância alternada, sendo o surgimento da enunciação, no campo da lingüística a possibilidade de resgate da metafísica na língua e do pensamento trinitário existente desde sempre na língua conforme Dufour (2000):

hoje estou certo que se a *trindade* assombra nossas ciências da linguagem, é simplesmente porque ela se aloja na nossa própria língua. Em uma palavra, digo agora que a língua natural, aquela que vocês e eu falamos todos os dias, é habitada pela trindade. Em outros termos: queiramos ou não como sujeitos falantes somos sujeitos do *trinitário*.

Constata-se no campo da ciência lingüística um emaranhado de divergências nas orientações epistemológicas, na metodologia, no fazer científico, em razão de que o paradigma dominante do estruturalismo e suas vertentes não atenderam a todas as demandas da língua, operando-se então, uma busca incoseqüente por uma cientificização que eliminasse elementos outros que não somente os passíveis de regramento e controle.

Saussure instaurou uma nova fase nas reflexões sobre a língua, a qual desde os gregos, em que pese ser objeto de estudo, não sofreu um trabalho de observação rigorosa, mas apenas especulações, passando no encaminhamento científico, por fases descritivas, comparativas. Esta nova fase instituída por Saussure considerou angustias da época, estava ele próprio aflito com questões referentes à língua que não se resolviam na esfera de estudos até então empreendida, situação essa relatada por Benveniste (1995):

Mas é preciso ver que, até os primeiros decênios do nosso século, a linguística consistia essencialmente numa genética das línguas. Fixava-se, para tentar estudar a evolução das formas lingüísticas. Propunha-se como ciência histórica, e o seu objeto eram, em toda parte e sempre, uma fase da história das línguas. No meio desses sucessos, entretanto, algumas cabeças inquietavam-se.

No entanto, esta nova fase fundada por Saussure é exatamente a fase superada por Benveniste, da cientificização exacerbada da lingüística “ A lingüística entra então na sua terceira fase [...] e visa a se constituir como ciência – formal, rigorosa, sistemática.” (BENVENISTE,

1995)

Pode-se considerar que este movimento de superação, de ruptura ou de mudança, conforme a perspectiva que se elege para observar tal processo, que possibilitou a passagem da supremacia do estruturalismo para uma consideração da enunciação, foi também resultado de um processo filosófico, científico, um movimento iniciado já nos lingüistas estruturalistas ansiosos por compreenderem o que o sistema da língua não abarcava.

CAPITULO III

BENVENISTE: PEDRA ANGULAR DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO

O homem sentiu sempre – e os poetas freqüentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma sociedade imaginária, anima as coisas inertes faz ver o que ainda não existem traz de volta o que desapareceu. Émile Benveniste

O trabalho realizado neste capítulo de releitura dos artigos de Benveniste, encontrou respaldo na constatação de que há muito para descobrirmos neste teórico. Os Problemas de Lingüística Geral I e II não se encontram completamente desvelados e uma das razões, hipótese desta pesquisadora, é de que os diversos olhos que sobre estes textos se inclinam nem sempre estão completamente afastados das tradições de leitura e pesquisa lingüística, olhares nem sempre com um viés enunciativo, estas chegam com a intenção do novo, mas arraigados que estão nas bases tradicionais não-enunciativas, descortinam apenas o que lhes oferece segurança.

A intenção deste capítulo é de refletir sobre a inserção de Benveniste na formulação trinitária do pensamento científico, a qual se refere Dufour .

3.1 BENVENISTE: INSTAURAÇÃO DE UM NOVO PARADIGMA

A ciência que deriva do teórico Benveniste encontra alento no movimento de crítica gerado no seio do próprio fazer lingüístico com base estruturalista, mas a base dessa ruptura encontra-se atrelada diretamente à concepção adotada do termo ciência, então não é apenas a metodologia empregada que se distingue e inova, é a derrubada de crenças científicas, é a mudança de paradigmas, no entanto, este exercício é um trabalho árduo, em acordo com a reflexão de Dosse (2007):

Se é verdade que se desenhou uma crise progressiva do paradigma estruturalista após seu apogeu em 1966, ela está em relação direta com a tomada de seu lugar pelo gerativismo, com o êxito das teses desconstrucionistas de Derrida, mas também com a progressão de uma linguística da enunciação que tinha sido até então rechaçada. Nesse domínio, Benveniste terá desempenhado um papel ao mesmo tempo importante e subterrâneo, até 1968. Terá sido um iniciador no seio do próprio campo estruturalista mas, num primeiro tempo, e apesar da sua notoriedade, reconhecida por todos, ele vai pregar no deserto, uma vez que se atravessa um período em que se pensa a linguagem abstraído-se do sujeito.

Ainda que aparentemente não se justifique o termo crença quando falamos em ciência, este é o processo pelo qual passa a ciência, ela produz crenças, tanto quanto o senso comum, que as produz ingenuamente, a ciência solidificada transforma-se em crença praticamente inquestionável situa-se no campo do senso comum como se ali estivesse desde sempre, e apenas rupturas epistemológicas poderão modificar tais crenças.

Logo no primeiro artigo da primeira parte do Problemas de Linguística geral I, Benveniste já denuncia o caos existente nos estudos lingüísticos, aponta para a predominância da linguística histórica, a análise linear e a sucessividade, os elementos isolados. Benveniste tem em vista não somente um apanhado histórico dos caminhos percorridos pela linguística, mas também apresenta as novas tendências surgidas

nesta trajetória, verificando o que se faz e o que se fez com os ensinamentos daquele considerado o impulsionador da linguística enquanto ciência.

Sublinhou-se com frequência o caráter exclusivamente histórico que marcava a linguística durante todo o século XIX e o início do século XX. A história como perspectiva necessária e a sucessividade como princípio de explicação, a divisão da língua em elementos isolados e a pesquisa de leis de evolução próprias a cada um deles: esses eram os caracteres dominantes da doutrina linguística.

Saussure, segundo Benveniste, marca a ruptura com este processo de estudos lingüísticos, com a inclusão das noções de estudos sincrônicos e diacrônicos. Segue o raciocínio apontando para as consequências positivas da concepção da língua enquanto sistema, da “solidariedade restaurada entre todos os elementos de uma língua”, da instauração da lingüística enquanto ciência, da limitação das categorias morfológicas, reconhece que Saussure definiu uma nova noção de língua, conforme Benveniste (1995):

Pouco a pouco, através de muitos debates teóricos sob a inspiração do Cours de Linguistique Générale de Ferdinand Saussure (1916), determina-se uma nova noção de língua. Os lingüistas tomam consciência da tarefa que lhes cabe: estudar e descrever por meio de uma técnica adequada a realidade lingüística atual, não misturar nenhum pressuposto teórico ou histórico na descrição, que deverá ser sincrônica, e analisar a língua nos seus elementos formais próprios.

Benveniste (1995) aprova a necessidade de rigor no campo da ciência lingüística, o que se justifica em razão de sua filiação ao estruturalismo:

Dizer que a lingüística tende a tornar-se científica não é apenas insistir sobre uma necessidade de rigor comum a todas as disciplinas. Trata-se em primeiro lugar, de uma mudança de atitude em relação ao objeto, que se definirá por um esforço para formalizá-lo. Na origem dessa tendência pode

reconhecer-se um influência dupla: a de Saussure na Europa e a de Bloomfield na América.

Interessante a perspectiva Benvenistiana de submissão à língua enquanto sistema, diz “Pensamos um universo que a nossa língua, em primeiro lugar, modelou”. Aqui estaria a duplicidade e hierarquia a que se refere Derrida e a justificativa de sua guerra declarada ao logocentrismo, pois se confirma a postura ocidental de supremacia desta função de simbolizar atribuída à língua e o comprometimento saussuriano com a tradição metafísica ocidental. Apresenta a importância da noção de estrutura e logo confirma sua inscrição na perspectiva fonologocêntrica quando diz: “Somente as línguas vivas, escritas ou não, oferecem um campo suficientemente vasto e fatos suficientemente seguros para que a investigação se conduza com um rigor exaustivo.”

Benveniste examina com um olhar crítico uma certa aproximação da lingüística com a lógica, avalia negativamente a busca da primeira por um logicismo, por uma exatidão, em relação ao lógico, este vê na linguagem simbólica a capital saída para suas reflexões. No entanto, penso eu, ambos os lingüistas e os lógicos estão atrelados à metafísica.

Parte-se aqui da linguística em direção à lógica. Nesse ponto, percebe-se o que poderia ser uma convergência entre disciplinas que se ignoram ainda em grande parte. No momento em que lingüistas ciosos de rigor procuram lançar mão das vias e mesmo do aparato da lógica simbólica para suas operações formais, acontece que os lógicos se tornam atentos à “significação” linguística e, seguindo Russel e Wittgenstein, se interessam cada vez mais pelo problema da língua.

Em que pese esta convergência de interesses em relação à língua Benveniste, na sequência do texto supra, alerta para o fato de que não há um diálogo proveitoso, pois, não falam da mesma língua, os filósofos buscam uma linguagem simbólica, livre das incertezas, fugindo da língua ordinária, enquanto é desta que falam os lingüistas:

Os seus caminhos cruzam-se mais do que se encontram, e os lógicos preocupados com a linguagem nem sempre encontram com quem falar. Para dizer a verdade, os lingüistas que gostariam de garantir para o estudo da linguagem uma conotação científica se voltam de preferência para a matemática, procuram processos de transcrição mais que um método axiomático, cedem um tanto facilmente à atração de certas técnicas modernas, como a teoria cibernética ou da informação. (grifo meu)

Em várias passagens, inclusive na citação supra, que se desenha perfeitamente a trindade na binariedade de que fala Dufour, a visão da complexidade de que fala Morin, como se estivesse o autor em uma luta constante, ao mesmo tempo em que se encontra atrelado às tendências, linguística que era sabedor da “necessidade” de estabelecimento de métodos, mas tece uma crítica a essa atração exercida pelas modernidades científicas, não deixa de se espantar com a complexidade e as dificuldades com tantas “estruturas”:

Na medida em que uma pesquisa dessa ordem põe em jogo, conscientemente ou não, critério (...), ela empenha ao mesmo tempo a estrutura da língua, o seu poder de estimulação as reações que provoca. Se os critérios são ainda freqüentemente “impressionantes” há, pelo menos, um esforço no sentido de precisar o método aplicável a esses conteúdos afetivos, à intenção que os suscita tanto quanto à língua que lhes fornece o instrumento. (destaque meu)

O autor segue constatando esse encaminhamento da linguística no sentido de aprisionar seu objeto a métodos rigorosos:

Comprova-se assim em toda a parte um esforço para submeter a linguística a métodos rigorosos, para afastar, ou quase, as construções subjetivas, o apriorismo filosófico. Os estudos linguísticos tornam-se hoje cada vez mais difíceis, exatamente por causa dessas exigências e porque os linguistas descobrem que a língua é um complexo de propriedades específicas que devem ser descritas por métodos que é preciso forjar.

O teórico da enunciação vislumbra o esforço desta nova ciência a qual, destituída de pressupostos que embasam as praticas científicas

tradicionais que se desenvolveram ao longo da história dos estudos linguísticos, lança uma luz sobre outra perspectiva, pois se orienta por conjecturas diversas, bebe em outras fontes filosófico-lingüísticas, não mais estruturais, inovadoras, enunciativas.

Em que pese Benveniste ser binário em suas análises, por exemplo, inclui-se perfeitamente na trindade ao estabelecer a presença do sentido em todos os níveis, “ O sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* lingüístico”. Ainda mais a diante Vale lembrar a noção trinitária que Benveniste chama para a sua linguística com o “eu”, “tu” e “ele”. A perspectiva agora é de inclusão ou aproximação com elementos considerados externos à língua, rechaçados pela cientificidade predominante, mas que, em verdade, são integrantes desta. Conforme afirma Coracini:

A linguística dita científica, aceitando pacificamente trabalhar com os critérios de repetição e regularidade, aparece como um sistema fechado em si mesmo, esforçando-se para descartar o contingente, o diferente, características tradicionalmente inerentes à própria noção de sujeito.

Benveniste se inscreve entre os cientistas-filósofos, caminha no passo dos princípios da época, mas enxerga além, seu pensamento aponta para novas propostas. Reconhece e se alia ao grande Saussure, mas trilha outros caminhos na busca incessante de compreender a língua não mais tão somente como um grande sistema.

Impõem-se uma nova forma de investigação que hodiernamente se delinea, estando Benveniste, ainda que comprometido com toda uma herança, na instauração deste novo pensar sobre a língua. Benveniste faz uma reflexão sobre o seu próprio fazer científico, está no limite do que lhe permite seu contexto, cultura, pensamento científico-filosófico, mas segue insatisfeito, não cegou-se na procura insana de purificação da língua, não rejeitou a metafísica, não dobrou-se completamente ao sistema.

Benveniste (1996) é binário mas é também trinitário. Inicia o processo de ruptura, esta preso à estrutura, mas é metafísico, sabe que existe algo além: “A linguagem tem, antes de tudo, algo de eminentemente distintivo: estabelece-se sempre em dois planos, significante e significado.”, entretanto alerta para o fato de que:

a linguagem é também um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural ao mesmo tempo o instrumento desta interação. Uma outra lingüística poderia estabelecer-se sobre os termos deste trinômio: língua, cultura, personalidade.

Em relação à noção de signo, elemento determinante na ciência lingüística, a primeira ocorrência de uso deste termo nos textos de Benveniste, o qual encontra-se entre aspas, refere-se ao signo saussuriano, no intuito de justificar toda a ordenação de pensamento já realizada promovendo a importância do processo de cientificização da lingüística e mais especificamente a importância da concepção de signo em Saussure. Conforme verificamos em Benveniste (1995):

A ideia central aqui é, grosso modo, a do “signo” saussuriano, em que a expressão e o conteúdo (equivalente ao “significante” e ao “significado” saussurianos) são estabelecidos como dois planos correlativos, cada um dos quais comporta uma “forma” e uma “substância”. Parte-se aqui da lingüística em direção à lógica.

Refere uma aproximação, em princípio, com o signo saussuriano, mas chama a atenção para uma possível ultrapassagem, conforme Benveniste (1995):

É a noção de signo que, doravante, integra o estudo da língua a noção muito geral de significação. Esta definição a coloca exatamente, inteiramente ? Quando Saussure introduziu a ideia de signo lingüístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua; não parece ter visto que ela podia ser

outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala. Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou à análise da língua como sistema significante.

Encontramos ainda uma definição para o signo enquanto unidade semiótica, ou seja, Benveniste chama o uso para sua análise, vejamos em Benveniste (1995):

Consideremos agora o significado. Como afirmamos, o signo se define como a unidade semiótica; ele é dotado de significação na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua, e a totalidade desses signos forma a totalidade da língua. Em semiologia, o que o signo significa não dá para ser definido. Para que um signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos.

Outro elemento de extrema importância na reflexão sobre o signo em Benveniste se refere à questão da arbitrariedade do signo proposta por Saussure, já comentada nesta pesquisa em 1.4, estabelece a contradição no pensamento saussuriano no artigo sobre a natureza do signo lingüístico, Benveniste (1996):

Por “arbitrário”, o autor entende que “é imotivado, quer dizer arbitrário em relação ao significado com o qual não têm nenhuma ligação natural na realidade” (p.103). Esse caráter deve, pois, explicar o próprio fato pelo qual se verifica: a saber, que para uma noção, as expressões variam no tempo e no espaço, e em consequência não têm com ela nenhuma relação necessária. Não sonhamos em discutir essa conclusão (...). Trata-se de saber se é coerente, e se, admitida a bipartição do signo (e nós a admitimos), se deve em consequência caracterizar o signo como arbitrário.

Feitas estes primeiros questionamentos, Benveniste segue no texto, esclarecendo as razões da contradição em Saussure sobre a arbitrariedade do signo, e, segundo Lima (1996), é justamente ao apontar a discrepância no pensamento que Benveniste se tornou famoso:

No debate que posteriormente se estabelece virá a se destacar a retificação de E. Benveniste (23). Ela indica a incongruência saussuriana em termos de seu próprio pensamento. Pois se, como ele dizia, uma ciência só encontra seu objeto quando é capaz de discernir suas fronteiras, como então considerar procedente uma argumentação que se estabelece pela comparação de realidades diversas, uma lingüística, a outra natural ? (...) Benveniste então desvela uma incongruência metodológica de tal monta que, ao considerá-la, compreendemos que ou é falha a ideia de sistema ou é falha a demonstração de arbitrariedade do signo.

Talvez não fosse o caso de tratarmos por falha do sistema ou do princípio, mas tão somente uma cegueira momentânea causada pela sujeição a um ideal, já tão denunciado neste texto. É uma confusão conforme denuncia Benveniste (1996):

A escolha que chama determinado corte acústico para determinada idéia não é absolutamente arbitrária; este corte acústico não existiria sem a idéia correspondente e vice-versa. Na realidade Saussure pensa sempre, digo, embora fale de "idéia", na representação do **objeto real** e no caráter evidentemente não necessário, imotivado, do elo que une o signo à **coisa** significada. A prova dessa confusão encontra-se na seguinte frase cujo membro característico sublinho: " se não fosse assim, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois *conteria um elemento imposto de fora*" . É bem " um elemento imposto de fora", portanto, a realidade *objetiva* que esse raciocínio toma como eixo de referência. Quando se considera o signo em si mesmo e enquanto portador de um valor, o arbitrário se encontra necessariamente eliminado.

Este movimento de ida e vinda entre o binário e o trinitário, que é, sem dúvida com a supremacia do binário, o que permeia a ciência, não foi diferente com Saussure, muito menos com Benveniste que vai reconhecendo em seu texto as contradições de Saussure, vai agregando outros valores necessários à reflexão lingüística, mas faz a todo instante um movimento de retorno ao binário, " todos os valores são de oposição e não se definem a não ser pela sua diferença".

Em Problemas de Linguística Geral I, Benveniste sustenta a contradição elementar com o pensamento saussuriano, vejamos:

Mas o signo, elemento primordial do sistema linguístico, encerra um significante e um significado cuja ligação deve ser reconhecida como necessária, sendo esses dois componentes consubstanciais um com o outro. O caráter absoluto do signo linguístico assim entendido comanda, por sua vez, a necessidade dialética dos valores em constante oposição, e forma, o princípio estrutural da língua.

Deslocar-se entre o simples e o complexo, entre a busca de eliminação da metafísica, sem possibilidade de eliminação desta mesma, corresponde à organização do pensamento ocidental, conforme já afirmado nesta pesquisa. Desde a antigüidade, as rupturas vão ocorrendo, abrindo passagem para novas perspectivas, retomando velhos conceitos, desenvolvendo novas perspectivas, novos paradigmas, as revoluções vão contribuindo para superação dos bloqueios, dos “obstáculos epistemológicos” conforme explica Bachelard (1996):

O conhecimento adquirido pelo esforço científico pode declinar. A pergunta abstrata e franca se desgasta: a resposta concreta fica. A partir daí, a atividade espiritual se inverte e se bloqueia. Um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado. Hábitos intelectuais que foram úteis e sadios, podem, com o tempo, enterrar a pesquisa.

É exatamente este movimento que Benveniste realiza, encontra-se na lingüística, atrelado ao pensamento de seu tempo, atende às exigências de sua época, mas angustia-se com as exigências não solucionadas. Benveniste presta homenagem a Saussure reconhecendo a importância da sistematização para a instituição da lingüística enquanto ciência, mas convoca exterioridades para repensar sobre a língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegou a conseguir palavras belíssimas: palavras de ninguém conhecidas, sons tropicais, tons frágeis, significados inequívocos, de assonâncias inesperadas, de ritmos únicos; palavras crípticas e hermenêuticas, palavras abertas como a claridade da manhã, fonotemas noturnos, sintagmas luminosos, verbos do amanhecer, adjetivos marinhos, superlativos desesperados, expressões terríveis e vogais transparentes. Rafael Pérez Estrada.

Procurei elaborar nesta breve pesquisa uma compreensão dos acontecimentos que antecedem o período estruturalista, os fundamentos filosóficos, epistemológicos, os objetivos eleitos pela ciência neste período. Na lingüística, procurei refletir sobre as questões epistemológicas que circundaram o encaminhamento dos estudos naquela época e de que forma a ciência linguística se estabeleceu enquanto ciência. A proposta desta pesquisa foi de, apresentando a força dos paradigmas, principalmente do estruturalismo, refletir sobre este processo de alteração de paradigmas, do estruturalismo para o gerativismo para a pragmática, chegando na enunciação, visto ser este um processo que vale ser compreendido em razão da força que exerce um paradigma em seu período de dominância, em acordo com Chalmers (1993):

Uma ciência madura é governada por um único paradigma. O paradigma determina os padrões para o trabalho legítimo dentro da ciência que governa. Ele considera e dirige a “solução de charadas” do grupo de cientistas normais que trabalham em seu interior. A existência de um paradigma capaz de sustentar uma tradição de ciência normal é a característica que distingue a ciência da não-ciência.

Não tendo esta pesquisadora a pretensão de alçar vôos tão somente profissionais neste campo da lingüística, a minha pesquisa tem a provocação da simpatia, do amor, melhor dizendo da paixão pela lingüística, ou pelos estudos que envolvem a palavra, a língua, ou que nome lhe dê quem a estuda, uma vez que esta pesquisadora não sabia da necessidade de nomeá-la, antes de adentrar na episteme lingüística, no terreno científico, a que campo pertence esse “objeto de estudo”, também ainda não sei hoje, apenas sigo lendo e relendo sobre as tantas reflexões já realizadas sobre o tema: língua.

Pretendi estabelecer um empreendimento filosófico de compreensão do percurso científico que elegeu o estruturalismo como paradigma dominante, tendo suas conseqüências também negativas de

exclusão de elementos fundamentais nos estudos da língua, objeto da ciência lingüística.

No âmbito teórico venho observando que a corrente lingüística estrutural, predominante até pouco tempo, seguiu uma orientação universal de negação da metafísica e postulou para si juntamente com a categoria de cientificismo um comportamento não lógico-dedutivo, mas completamente positivista lógico-indutivo. O estruturalismo exacerbou essa busca, gerou excessos no campo da linguagem.

Quanto ao signo, termo de análise também escolhido por esta pesquisadora, é considerado o mediador entre os homens, em acordo com Lopes (2008) “a relação entre um homem e outro homem dentro da sociedade, vem mediada pelo signo” de igual forma por Benveniste (1995) “ É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura.

O signo, elemento visto pela semiótica na perspectiva de elemento cultural e não natural, também foi submetido a uma análise positivista e tanto na fase estruturalista quanto já anteriormente não se salvou das binariedades, foram tantos os estudiosos que sobre este tema se debruçaram, os estóicos na antiguidade, Peirce, Saussure, Hjelmslev, enfim tantos linguistas, filósofos.

Parti da hipótese que Benveniste foi o idealizador de uma passagem marcante de um determinado paradigma, o estrutural, para um paradigma menos científico e mais filosófico, qual seja, o paradigma da enunciação. Então, a fim de corroborar a minha hipótese de que Benveniste foi o pensador que, mesmo envolvido por um movimento binário ofereceu a possibilidade da trindade nos estudos lingüísticos, busquei nos textos de filósofos, cientista da língua e do próprio Benveniste a confirmação de que suas reflexões seguem nesse passo.

Por fim, a conjunção das reflexões de Dufour, Feyerabend, Edgar Morin, Coracini, Derrida, fortalecem a necessidade desta reflexão aqui proposta sobre o fazer científico, sejamos operadores da ciência lingüística, sejamos teóricos, sejamos tão somente afeiçoados aos

mistérios da língua, devemos hoje nos imbuir da criteriosa observação do fazer lingüístico e estarmos amplamente favoráveis à ponderação das tantas praticas existentes, uma vez que os fundamentos epistemológicos utilizados estão em cheque há bastante tempo, mas ainda oferecem parâmetros para inúmeras discrepâncias teóricas.

Inscrevo minha pesquisa em um comportamento contracultural, não contestar pelo prazer de estar sempre na contramão, ainda que tal ímpeto seja idiossincrático, rebeldes nascem rebeldes, mas contestar pelo prazer de refletir, de questionar e quiçá descobrir novas possibilidades, então propus a refletir sobre o pensamento estruturalista, para, confirmando minha hipótese, ter a certeza de que a enunciação é um avanço na linguística.

Não tenho com esta pesquisa a intenção tão somente de critica ao estruturalismo, a Saussure, mas de critica a um pensamento de época que respondeu com avidez à exigência de um cientificismo descabido no âmbito das ciências humanas. Não refuto a percepção intelectual da obrigação praticamente imprescindível da sistematização no campo das ciências humanas, o movimento se fez necessário à época, em consonância com Dosse (1992):

O estruturalismo poderia ser acoimado de decretar a morte do homem, de ser anti-humanista e de recusar a História, isto é, privilegiar sistemas e processos em detrimento de agentes sociais, unificando a variedade de tipologias sociais em modelos sintéticos e sumários, reduzindo a variada complexidade relacional àquelas que sobrelevaram o papel atribuído ao sincrônico em relação ao diacrônico na sociedade humana. Era, no fundo, em nome do cientificismo, da crise das Ciências Sociais, a busca por um método capaz de prover uma certa inteligibilidade global da humanidade.

Hoje Saussure recebe as mais ferrenhas críticas em razão desse empreendimento teórico-lingüístico, conforme afirma Lima (1971):

Mas, de certa maneira, não deixa de ser fácil criticar aqueles que abriram as grandes direções, depois, é claro, que estas se tenham desenvolvido. Nisso chegamos mesmo a encontrar um estranho prazer. Ao mesmo tempo, por conseguinte, que verifico traços empiristas em Saussure, sou obrigado a reconhecer que falar do seu empirismo está na ordem do dia. Pois o mestre genebrino sobre a desgraça de, por seu próprio esforço, embora contra sua intenção, a linguística ser hoje importante para além dos linguistas. Depois de engolirem seu espanto, alguns deste outros se vingam inconscientemente do esforço ao que foram obrigados, cortando as amarras muito evidentes que os prenderiam. As correntes intelectuais não costumam confessar as fontes que julgam bastardas. Por isso se empenham em negá-las.

No entanto, Saussure foi um homem atormentado pela força da construção teórica que oferecia, que estava por moldar-se, tomar forma, tornar-se paradigma, bem como pela força de suas angústias, dúvidas e dificuldade de uma elaboração teórica que pudesse ser considerada definitiva, conforme relatado no CLG :

Vejo-me diante de um dilema: ou expor o assunto em toda a sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, o que não pode convir para um curso que deve ser matéria de exame, ou fazer algo simplificado, melhor adaptado a um auditório de estudantes que não são linguistas. Mas a cada passo me vejo retido por escrúpulos.

ANEXOS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução e textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: Editorial EDIPRO, 2006.

BENVENISTE, Émile. Problemas da lingüística geral I. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; Revisão Prof. Isaac Nicolau Salum . São Paulo: Editorial Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. Problemas da lingüística geral II. Tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Editorial Pontes, 2006.

BESNIER, Jean-Michel. *As teorias do conhecimento*. Tradução de Joana Chaves. Porto Alegre: Editorial Instituto Piaget, 1996.

CHALMERS, Alan F. *O que é ciência, afinal?* Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editorial Brasiliense, 1993.

DANCY, Jonathan. *Epistemologia contemporânea*. Tradução de Teresa Louro Pérez / Revisado por Artur Morão. Lisboa: Editorial Edições 70, 1985.

DOSSE, François. *História do estruturalismo / O campo do signo – Vol. I*. Tradução de Álvaro Cabral; Revisada por Marcia Mansor D' Alessio. São Paulo: Editorial EDUSC, 1992.

DOSSE, François. *História do estruturalismo / Canto do cisne, de 1967 a nossos dias Vol. II*. Tradução de Álvaro Cabral; Revisada por Marcia Mansor D' Alessio. São Paulo: Editorial EDUSC, 1992.

DUCROT, Oswald. *Estruturalismo e Lingüística*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Editorial Cultrix, 1971.

DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras; editor: José Nazar. Rio de Janeiro: Editorial Companhia de Freud, 2005.

DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Editorial Companhia de Freud, 2000.

ESTRUTURALISMO: Grandes nomes nacionais e estrangeiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Editorial Tempo Brasileiro, 1973.

ESTRUTURALISMO: Antologia de textos teóricos / Foucault ...[et al.] ; sel., introd. Eduardo Prado Coelho ; Tradução. Maria Eduarda Reis

Colares, António Ramos Rosa, Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Editorial Portugália, 1967.

HOUAISS, Antônio / Instituto. *Dicionário de sinônimos e antônimos*. Rio de Janeiro: Editorial Objetiva, 2003.

HESSEN, Johannes. *Teoria do conhecimento*. Tradução de João Vergílio Gallerani Cuter; revisão técnica Sérgio Sérulo da Cunha. São Paulo: Editorial Martins Fontes, 2003.

KÖSHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. Rio de Janeiro: Editorial Vozes, 2007.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Praga a Paris I*. Tradução de Ana Maria de Castro Gibson. Rio de Janeiro: Editorial Nova Fronteira, 1991.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Dulce Matos. Lisboa: Editorial Instituto Piaget, 1990.

NORMAND, Claudine / Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (orgs.); *Convite à linguística*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Editorial Contexto, 2009.

PAVEL, Thomas. *A miragem lingüística: ensaio sobre a modernização intelectual*. Tradução de Eni Orlandi, Pedro de Souza Selene S. Guimarães. São Paulo: Editorial Pontes, 1990.

POPPER, Karl Raimund. *Em busca de um mundo melhor*. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Editorial Martins, 2006.

REDHEAD, Michael. *Da física à metafísica*. Tradução de Valter Alnis Bezerra. São Paulo: Editorial Papyrus, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editorial Cultrix, 2008.

WAHL, François. *Estruturalismo e filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi com a colaboração de Adélia Bolle. São Paulo: Editorial Cultrix, 1970.

ZINGANO, Marco. / Organizador. - *Sobre a metafísica de Aristóteles (textos Selecionados)*. São Paulo: Editorial Odysseus, 2005.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)